

CATÁLOGO DOS ESCRITORES JUDEUS DA

Amazônia



ORGANIZADORES:

Alessandra Conde

Thiago Machado

Silvia Helena Benchimol Barros

Libna Keite da S. Gama

**ALESSANDRA CONDE
THIAGO MACHADO
SILVIA HELENA BENCHIMOL BARROS
LIBNA KEITE DA SILVA GAMA**

(Organizadores)

CATÁLOGO DOS ESCRITORES JUDEUS DA AMAZÔNIA

1ª Edição

**Castanhal
UFPA/FACULDADE DE LETRAS
2024**

CATÁLOGO DOS ESCRITORES JUDEUS NA AMAZÔNIA

Conselho Editorial

Ana Lília Rocha - UFPA
Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Junior - UFPA
Lyslei Nascimento - UFMG
Norival Bottos Junior - UFAM
Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa - UFPA
Sérgio Wellington Freire Chaves - UFPA
Sílvia Helena Benchimol-Barros - UFPA / POET
Suzana Yolanda Lenhardt Machado Cánovas - UFG
Tânia Maria Sarmiento-Pantoja - UFPA

Revisão: Maria da Conceição Azevêdo
Revisão de tradução: Sílvia Helena Benchimol-Barros

Tradução: Sílvia Helena Benchimol-Barros
Ewerton Branco
Ma. Annarry Tavares

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Biblioteca Prof. Armando Bordallo da Silva. Bragança, PA / UFPA

C357c Catálogo dos escritores Judeus da Amazônia / Alessandra Conde, Thiago Machado, Sílvia Helena Benchimol Barros, Libna Keite da Silva Gama (Organizadores). 1. ed. Castanhal-PA: UFPA/Faculdade de Letras, 2024. 96 p.: il.

E-book em formato de PDF.
ISBN 978-65-997724-4-3.

1. Judeus – Amazônia. 2. Escritores Judeus – Catálogo. I. Título. II. Conde, Alessandra. III. Machado, Thiago. IV. Barros, Sílvia Helena Benchimol. V. Gama, Libna Keite da Silva.

CDD 23. ed. – 305.89240811

Elaborado por Vivyanne Ribeiro das Mercês Neves - CRB-2/1167

ORGANIZAÇÃO:



APOIO:



:

Sumário

- 05. Apresentação**
- 06. Prefácio**
Prof. Dr. Regina Igel
- 10. José Benedicto Cohen**
Thiago Machado
- 11. Sultana Levy Rosenblatt**
Thiago Machado
- 14. Leão Pacífico Esaguy**
Thiago Machado
- 17. Samuel Benchimol**
Libna Keite da Silva Gama
- 21. Mady Benoliel Benzecry**
Alessandra Conde
- 26. Ilko Minev**
Alessandra Conde
- 29. Marcos Serruya**
Angélica da Silva Pinheiro
- 32. Elias Salgado**
Elias Salgado
- 35. Myriam Scotti**
Myriam Scotti
- 37. Paulo Herban Maciel Jacob**
Aldilene Lopes de Moraes
- 43. Rogel Samuel**
Angélica da Silva Pinheiro
- 37. Salomão Larêdo**
Salomão Larêdo
- 40. Sandra Godinho**
Sandra Godinho
- 47. Notas sobre os autores**

Summary

- 50. Presentation**
- 51. Preface**
Prof. Dr. Regina Igel
- 53. José Benedicto Cohen**
Thiago Machado
- 56. Sultana Levy Rosenblatt**
Thiago Machado
- 59. Leão Pacífico Esaguy**
Thiago Machado
- 63. Samuel Benchimol**
Libna Keite da Silva Gama
- 67. Mady Benoliel Benzecry**
Alessandra Conde
- 72. Ilko Minev**
Alessandra Conde
- 75. Marcos Serruya**
Angélica da Silva Pinheiro
- 78. Elias Salgado**
Elias Salgado
- 82. Myriam Scotti**
Myriam Scotti
- 84. Paulo Herban Maciel Jacob**
Aldilene Lopes de Moraes
- 87. Rogel Samuel**
Angélica da Silva Pinheiro
- 90. Salomão Larêdo**
Salomão Larêdo
- 92. Sandra Godinho**
Sandra Godinho
- 94. About the Authors**

Apresentação

A presença judaico-marroquina na Amazônia pode ser rastreada desde as primeiras décadas do século XIX. Com diversificadas contribuições sociais, culturais e econômicas, os judeus-marroquinos e seus descendentes, filhos de duas culturas, culturalmente dispostos em um “nem lá, nem cá”, como disse Célia Igel Teitelbaum, cooperaram também com a literatura da região.

Muitos dos escritores judeus, aqui listados, são desconhecidos. Alguns, como Ilko Minev e Myriam Scotti, nos últimos tempos, têm chamado a atenção da mídia livresca. Este catálogo pretende colaborar com a visibilidade, no âmbito acadêmico, dos escritores que adotaram a temática judaica em suas produções literárias. Neste afã, apresentamos três categorias de escritores: os judeus, os descendentes de judeus e os não judeus que abraçaram o tema da presença judaica na Amazônia. Escritores consagrados no cenário literário nacional como Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum e Márcio Souza, não fizeram parte deste catálogo, ainda que apresentem romances ou peça teatral com personagens ou temas judaicos. Concebemos dar protagonismo aos escritores que ainda não alcançaram maior notoriedade na academia.

Este catálogo bilíngue apresenta três tipos de gêneros textuais: um pequeno verbete biográfico de cada escritor, resenhas sobre obras selecionadas e textos autobiográficos de autoria de alguns escritores aqui listados. Acreditamos que, desta forma, o leitor poderá conhecer poemas e narrativas que aludem à presença judaica na Amazônia. Este trabalho foi produzido no âmbito do Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia (NESA) e do projeto de pesquisa "Ecos sefarditas: judeus na Amazônia", desenvolvidos na Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Pará, *campus* de Bragança.

Esperamos que seja um material de apoio para alunos e pesquisadores da graduação e da pós-graduação. Para este fim, contamos com a participação de alunos da graduação e da pós-graduação. Alguns deles participam da organização deste catálogo. Agradecemos à Universidade Federal do Pará, aos projetos de pesquisa que nos apoiaram (ET-MULTI, GEPELF, PROLIPAM), às professoras Maria da Conceição Azevêdo (UFPA), Lyslei Nascimento (UFMG) e Tabita Fernandes da Silva (UFPA), pelas suas enriquecedoras contribuições e ajuda.

Os Organizadores

Prefácio

Regina Igel

Este Catálogo expõe breves biografias e bibliografias de alguns dos escritores judeus e não judeus amazônicos. Alguns entre eles são reconhecidos (e até constam de listas dos mais lidos, em muitas semanas, em diários e publicações semanais), outros são menos conhecidos do público brasileiro. Todos se mostram como escritores por força de sua imensa vontade de compartilhar o que viveram e também o que imaginaram, transportando suas memórias e sua ficção para as telas literárias. Suas contribuições têm bastante significado no campo das letras da região amazônica brasileira. É para conhecê-los melhor que este Catálogo se apresenta, o que facilitará imensamente o trabalho presente e futuro de investigadores, universitários e independentes, nas suas pesquisas sobre escritores judeus na região amazônica.

Em parte, as veredas literárias são ou foram percorridas por pessoas nascidas e criadas nos espaços vivenciáveis da floresta e que sentiram, em determinada fase de suas vidas, a necessidade de acessar o reino das letras, transcrevendo em contos, romances, crônicas e poesia seu talento para a escrita. Entre esses, também deparamos com uma pintora, cujas imagens estilizadas são quase verbais, pela fidelidade que o olhar e o pincel transcreveram para a tela. Por intermédio dessas pessoas criativas, leitores ganham conhecimento daquele mundo tão denso, encoberto pelos mistérios que enriquecem o folclore amazônico e as histórias realmente vividas.

Ao longo dos séculos, habitantes das demais áreas brasileiras imaginavam que a região, opulenta em árvores, bichos, flores, frutas, rios e igarapés era inóspita, agressiva, indômita, abundante em doenças e febres, daquelas que acabam com a vida humana em três tempos..., mas, tudo isto não é mentira, não é mito. A selva tropical amazônica é mesmo habitada por animais, banhada por rios imensos e turbulentos, sendo perene sua condição de ‘maravilha’ que dilata a imaginação humana. Inúmeros cronistas, que desde os tempos coloniais se adentraram pela mata, registraram a opulência da flora e da fauna, também as febres e ‘doenças tropicais’ que terminavam com as vidas de quantos à floresta se aventuravam. E não eram só aventureiros que se metiam pela mata, pois a versatilidade do ‘inferno verde’, como foi conhecida a selva amazônica, sempre atraiu cientistas, farmacologistas, médicos, biólogos, indigenistas, além de artistas (pianistas, cantores, atores, pintores) e, em tempos contemporâneos, jornalistas e cineastas.

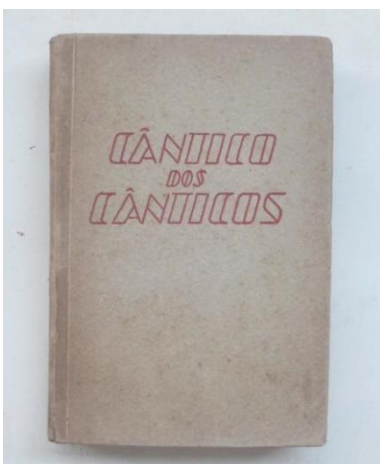
Os escritores aqui catalogados, a maior parte deles nascida no território amazonense, têm biografias diversificadas. Nem todos se entregaram à escrita como sua prioridade. Alguns entre eles tiveram outra profissão ou ocupação antes de se tornarem escritores. São quase todos descendentes de marroquinos judeus que imigraram à região amazônica, onde constituíram família, nos dois últimos séculos. Seus descendentes, nascidos, criados e escolarizados no Brasil, passaram a descrever, por suas lembranças de vivências pessoais e por relatos alheios, a vida judaica no ambiente florestal, o legado dos seus pais e avós e sua convivialidade com aqueles que, como eles, participavam das mudanças e da evolução regionais.

Praticamente isolados do restante do Brasil, muitos dos nascidos no Pará, no Amazonas, no Acre, em Roraima e em outros rincões vizinhos, judeus e judias se fizeram escritores não só por sentirem a necessidade de extravasar seus sentimentos em relação ao meio-ambiente, como também para contar como é seguir o judaísmo em regiões como a Amazônica quando, por muito tempo, ainda não havia sequer número suficiente para uma reza – que exige a presença de pelo menos dez homens para ter início – ou ingredientes alimentícios que seguissem os preceitos religiosos.

Escritores, ficcionistas, poetas judeus? Sim, há uma onda crescente de tais literatos na Amazônia brasileira. Devido a vários fatores, tais como a impressão de poucos livros, o pouco alcance de editoras no setor de distribuição por livrarias, ou pela distância dos grandes centros urbanos, não são tão conhecidos como deveriam, embora sejam autores de excelente produção ficcional. Então, como via de apresentação ou reapresentação, leitores farão conhecimento com estes escritores: José Benedicto Cohen (1872-1933), Sultana Levy Rosenblatt (1910-2007), Mady Benoliel Benzecry (pintora, 1933-2003), Leão Pacífico Esaguy (1917-2010), Marcos Serruya (1947-2010), Samuel Benchimol (1923-2022), Ilko Minev (1946 -), Elias Salgado (1958 -), Myriam Scotti (1981 -), Paulo Jacob (1921- 2004), Rogel Samuel (1943 -), Salomão Laredo (1939 -) Sandra Godinho (1960 -). Neste Catálogo, suas obras são listadas, assim como elementos informativos sobre suas atividades na Amazônia.

Imprescindível. Indispensável. Apenas dois dos muitos adjetivos positivos que poderiam refletir o valor deste Catálogo para pesquisadores da literatura brasileira judaica amazônica e leitores em geral. Os nomes que dele constam são expressivos como talentosos pioneiros, pois abriram trilhas a ser percorridas e multiplicadas por outros que venham mais tarde. Os nomes incluídos neste Catálogo, é bom saber, são uma parte de um contingente maior de escritores de origem judaica nascidos ou imigrados para a região amazônica. Pouco a pouco o Catálogo irá aumentando, pois nossos valores literários continuam surgindo.

1. ESCRITORES JUDEUS



JOSÉ BENEDICTO COHEN¹

O pequeno bestiário de José Benedicto Cohen nas páginas do jornal *A Columna*

Thiago Machado

Bacharel em Direito, dentista, jornalista, professor e tradutor. Essas são algumas das atribuições profissionais e formações que teve o judeu marroquino José Benedicto Cohen ao longo da vida. Nascido

em 31 de dezembro de 1872, Cohen imigrou para o Pará ainda pequeno com o pai, fixando moradia em Itacoatiara, no Amazonas. Além da formação prática, foi ainda contista, ensaísta e poeta.

Muitas de suas obras ficcionais foram publicadas nos jornais nos quais trabalhou como o jornal sionista carioca *A Columna*, fundado por Davi José Pérez e Álvaro de Castilho, e *O Malho*. Consta, em algumas destas produções literárias, a assinatura com o acrônimo de JOBECO, reunião das primeiras letras de seu nome. Durante os anos de 1916 e 1917, manteve uma produção ativa no jornal *A Columna*, onde se encontra, entre os poemas publicados, um verdadeiro bestiário marcado pela acidez e mordacidade com as quais enxergava as pessoas da sua época.

Saltam desse bestiário macacos, furões e garças. Em março de 1917, no jornal *A Columna*, surge o primeiro soneto de Cohen com o título de uma ave. Quem recebe a homenagem é a “A Garça”. No poema, o eu-lírico descreve o pássaro com uma “alvura immaculada” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 43), mirando-se, enquanto sobrevoa por “águas tranquilas e serenas” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 43)), “a alvura líria das suas pennas!” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 43).

Essa cena, em que a garça é o personagem principal, provoca no eu-lírico a reflexão sobre os anos passados e rememorados: “Eu também, muita vez, extasiado, / Fico-me a ver da vida a estensa trama, / No ofuscado cristal do meu passado” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 43). A mirada da ave no espelho das águas é motivo de comparação com a própria ação de homem reflexivo:

¹ Imagem retirada do site: <https://www.traca.com.br/livro/703663/>.

“E vejo então passar ledas, serenas, / Qual na t ela de um velho cosmorama, / A infinita porção das minhas penas!” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 43).

Se o tom reflexivo marca o soneto “A Garça”, os dois outros sonetos, publicados nas edições dos meses de julho e agosto de 1917, respectivamente, “Macacos” e “O Furão”, trazem consigo a temática animal para comparar, de forma gracejosa, atitudes humanas às dos animais. Em “Macacos”, poema publicado em *A Columnna*, o eu-lírico graceja dos saguis muito orgulhosos que somos nós, homens e mulheres, porque já não temos rabos e usamos lenços: “Maldita espécie   esta a que pertenço / Que desde Adão já vem defeituosa; / Colecção de saguis muito orgulhosa / Por que já não tem rabo e usa um lenço...” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 94).

Brinca ainda a voz do poema com a suposta racionalidade do homem, munido de suas fórmulas e leis inabaláveis, com as quais se difere dos outros animais do planeta. Descrente da incondicionalidade dessas leis, sentencia o eu-lírico: “Peticantropos feitos racionais / Cujas formulas, leis feitas e usos, / São mentiras, não mais, convencionais!” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 94). E de onde vêm essas características tão humanamente marcantes? O eu-poemático não desvia de atribui-las, risonhamente, desde a evolução do homem, ou, de igual modo, quando o homem deixou de ser macaco: “E isto vem desde que qualquer maxilla! / é mais ou menos angulo obtuso / E a cauda atrophiou-se de um gorilla...” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 94).

Na edição de agosto de 1917, o jornal *A Columnna* publica o soneto “O Furão”. Neste, o eu-lírico recebe *o furo*, uma notícia em primeira mão, como se diz entre jornalistas. É singular a maneira como a voz do poema descreve o aparecimento daquele que traz as novas: “Com ar de gentil homem se aproxima / Em reverencia, aristocrata / Ageita bem o laço da gravata / Apruma o busto e jura que me estima...” (COHEN citado em *A COLUMNNA*, 1917, p. 107).

Elegante e conversador, o aprumado homem versa sobre qualquer assunto, seja a guerra, a greve ou a crise. No meio da conversa, como se o assunto chegasse num ponto nevrálgico, dispara: “Exalta o meu saber... depois se atreve // A dar-me *o furo*, com gentil maneira.” (COHEN apud *A COLUMNNA*, 1917, p. 107). O preço pela descoberta é o eu-lírico mesmo que nos revela: “E eu fiquei sem amigo e, quem diria? – / Com dez mil reis de menos na carteira” (COHEN apud *A COLUMNNA*, 1917, p. 107). Jornalista que era, ao próprio Cohen não se furtava o preço da notícia em primeira mão.

Foi no jornal *A Columnna*, têm, que José Benedicto Cohen publicou, em várias edições, o poema “A sulamita”, tradução diretamente do hebraico para o português do “Cântico dos cânticos”.

José Benedicto Cohen faleceu em janeiro de 1933, aos 61 anos de idade, sendo um observador perspicaz da sociedade que o cercava e do papel dos judeus no Brasil.

Referências

COHEN, José Benedicto. “A Garça”, in: *A COLUMNNA*. n. 15, Ano II, 02-03-1917.

COHEN, José Benedicto. “Macacos”, in: *A COLUMNNA*. n. 19, Ano II, 06-07-1917.

COHEN, José Benedicto. “O Furão”, in: *A COLUMNNA*. n. 20, Ano II, 03-08-1917.

Biografia

José Benedicto Cohen nasceu em 31 de dezembro de 1872, no Marrocos. Ainda criança, veio para o Pará com pai rabino. Adulto, exerceu o rabinato em Itacoatiara, no Amazonas, até 1912. Durante a vida, foi dentista, professor, bacharel em Direito, tradutor e jornalista. Além disso, foi poeta, contista e ensaísta. Muitos de seus contos e poemas, assim como a tradução para o português do “Cântico dos Cânticos”, foram publicados no jornal sionista carioca *A Columnna* e no jornal *O Malho*. Dedicou, nesses periódicos, diversos textos à causa sionista, da qual era fervoroso defensor. Entre as obras publicadas pelo autor, constam a tradução do *Cântico dos Cânticos* (1944), *A Sulamita* (1959), *Um poeta esquecido* (1997) e o livro de contos *Verdades e fantasias* (1925). O autor faleceu em 7 de janeiro de 1933, aos 61 anos de idade, em Petrópolis, Rio de Janeiro.



SULTANA LEVY ROSENBLATT²

Sultana Levy Rosenblatt e a Terra da Promissão

Thiago Machado

Na crônica *Como viemos parar na Amazônia* (2000), publicada na revista *Morshá*, Sultana Levy Rosenblatt conta, em poucas linhas, como o bisavô, ainda moço, veio parar em terras amazônicas. Essa história nos interessa à medida que se entrelaça com as outras histórias, de homens e mulheres, que vieram depois ou que, estando aqui, legaram à posteridade uma grande parentela que fez do Brasil, nos idos do século XIX, a “Terra Prometida” (ROSENBLATT, 2000, s/p), conforme relata a romancista paraense:

O Brasil, a essa altura, era uma espécie de Terra Prometida. Um país com imensas áreas e pouca população, atraindo imigrantes com promessas liberais por uma lei que não levava em conta credo ou nacionalidade, contanto que a raça fosse branca. Assim, os judeus marroquinos, considerados imigrantes brancos, zarparam para a região amazônica esperando lá encontrar o “El Dorado”. Liberdade, acima de tudo liberdade religiosa, e, quem sabe, ouro jorrando do solo. Cedo esse fascinante sonho se desfez quando eles compreenderam que apenas haviam-se mudado do purgatório para o inferno. (A floresta amazônica é poeticamente cognominada “Inferno Verde”). (ROSENBLATT, 2000, s/p).

Crentes da liberdade que o Brasil obsequiou aos judeus, muitos foram aqueles que imigraram para o país e acharam na Amazônia o lugar de acolhida. É desse movimento de traslado que Sultana revela, agradecida pela coragem de seus avós, especialmente da avó Belízia, o fato de vir a existir:

Eu não estaria aqui, agora, se não fosse pela decisão de minha avó, Belízia, de casar, aos 13 anos, com David Benoliel. Foi uma união feliz que ultrapassou as bodas de ouro e da qual houve vários filhos, inclusive Esther, minha mãe. Em sua juventude, Esther era considerada uma das mais belas moças de Belém. Tinha 18 anos quando se casou com Eliezer, único filho de Moisés e Hália Levy, o mais atraente e desejado solteirão (aos 24 anos!) da cidade de Belém. Casaram-se na cidade de Cametá, a 21 de março de 1900. (ROSENBLATT, 2000, s/p).

É da união de Esther com Eliezer Levy que nasceu, no ano de 1910, em Belém, no Pará, a escritora Sultana Levy Rosenblatt. Sultana Rosenblatt apresenta uma vasta produção literária, em que constam romances, peça de teatro, contos, crônicas e ensaios. Nessas produções, o tema bíblico é uma

² Imagem retirada do site: https://en.wikipedia.org/wiki/Sultana_Levy_Rosenblatt.

constante, um traço que perpassa os mais diversos gêneros, em leituras e releituras de histórias e motivos bíblicos.

Além desse tema, a vinda dos imigrantes judeus marroquinos para a Amazônia brasileira também é uma presença significativa na obra da escritora. Os mais diversos tipos de seus personagens recebem, dessa herança biográfica da autora, representatividade, assim como a paisagem amazônica, seus costumes e linguagens, fazem-se manifestos.

O casamento da romancista com o judeu americano Martin Rosenblatt, meteorologista, com quem teve três filhos, fez com que a autora vivesse em alguns países como Estados Unidos, Honduras e Porto Rico.

É nos Estados Unidos, por exemplo, numa palestra proferida na reunião da Hadassah, em 1969, na Virgínia, que a autora enfatiza a importância do Brasil para os judeus que, ao longo da história, foi lugar de acolhimento e convivência, enquanto diversos países se mostraram inóspitos à presença judaica em seus territórios. Nesse texto, mais tarde publicado no livro de ensaios intitulado *Papéis* (1999), Sultana Rosenblatt não só destaca a importância do país para os judeus, mas a significativa colaboração desses imigrantes para o Brasil.

Ao finalizar a palestra, Rosenblatt expõe que o seu povo está “na política, no exército, na medicina, na arquitetura, na indústria, em todos os campos dominados pela civilização e pelo progresso” (ROSENBLATT, 1999, p. 176). Mais ainda, destaca que são “brasileiros e o Brasil muito se orgulha desses filhos” (ROSENBLATT, 1999, p. 176).

Referências

ROSENBLATT, Sultana Levy. *MORASHÁ*, 2000. Disponível em: <<https://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2022.

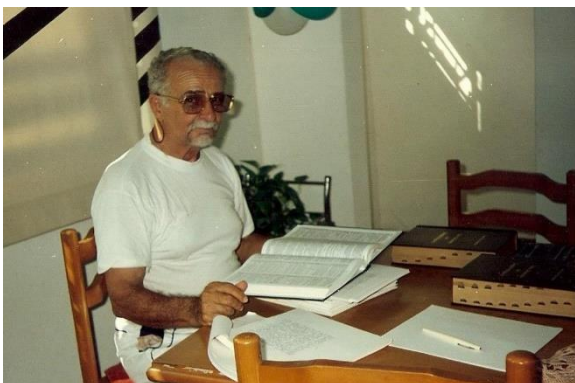
ROSENBLATT, Sultana Levy. Brasil, Terra da Promissão. In: ROSENBLATT, Sultana Levy. *Papéis*. Belém: Grafisa, 1999. p. 159-176.

Biografia

Sultana Levy Rosenblatt nasceu no dia 10 de julho de 1910 em Belém do Pará. Filha de Eliezer Levy, importante político da região amazonense, fundador do jornal *Kol Israel* e do sionismo no Pará, a autora vem de uma família tradicional da região de Tânger, no Marrocos. Casou-se com o meteorologista

americano Martin Rosenblatt, com quem teve três filhos. Em função da ocupação do marido nos Estados Unidos, Sultana Rosenblatt morou em alguns países, como Honduras e Porto Rico. A escritora apresenta uma vasta produção literária em que constam romances, tais como *Uma grande mancha de sol* (1951), *Chavito Prieto* (1957), *Barracão* (1959), *Reviravolta* (1978) e *As virgens de Ipujucama* (1978); a peça de teatro *A visita a sua alteza: o Sr. Príncipe* (1999); o livro de ensaios e crônicas *Papéis* (1999); e muitos contos e crônicas publicados na revista *Morashá*³ como "As aventuras de Jonas" (2001), "David e Golias" (2002), "A história da Rainha Esther" (2002), entre outros. Sultana Rosenblatt faleceu no dia 28 de março de 2007, na Virgínia, Estados Unidos.

³ Textos disponíveis em: <http://www.morasha.com.br/revista.html>



LEÃO PACÍFICO ESAGUY⁴

**Do homem que ouviu ao homem que
recontou: as narrativas e os poemas em *Nas
noites indormidas e na solidão*, de Leão
Pacífico Esaguy**

Thiago Machado

Leão Pacífico Esaguy nasceu nos idos de 1917, em terras amazônicas, na cidade de Itacoatiara. Filho da união de Pacífico Augusto Esaguy com a judia marroquina Mathide Macnin Esaguy. Os pais do futuro romancista moravam em Portugal quando de lá vieram para o Brasil, especificamente para a Amazônia, pouco antes do nascimento do escritor. Os mistérios e as belezas da Amazônia brasileira, sua fauna e flora, encantaram Esaguy desde pequeno. Manifestou, dessa forma, profundo interesse pela cultura amazonense, que fornece temas e imagens para boa parte de suas narrativas e poemas. O olhar arguto e observador de Esaguy faz acorrer para seus textos o espaço amazônico e as peculiaridades das gentes da terra.

Em muitos de seus textos ecoam traços da cultura judaica, rastros da imigração judaico-marroquina em seu novo lugar de morada e o processo de adaptação de suas práticas culturais, religiosas e econômicas no seio da floresta amazônica. Entre os livros publicados, encontram-se obras de contos e poemas, tais como *Contos amazonenses* (1981), *Nas noites indormidas e na solidão* (1995), *Contos, lendas e narrativas* (s/d), bem como os romances *O Aleijadinho*, de 1982 e o *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste*, publicado em 1999.

Na reunião de contos e poemas de *Nas noites indormidas e na solidão* (1995), percebe-se uma voz que colhe nas histórias vistas e ouvidas, em territórios amazônicos, o material necessário para a produção dos seus textos literários. Nessas histórias, o narrador espelha tipos característicos do ambiente amazonense, em que se encontrava inserido nos idos do século XIX e XX. Seringalistas, regatões, caboclos, indígenas ou descendentes de indígenas, migrantes cearenses seduzidos pela riqueza da borracha e imigrantes de diversos países, entre eles, os judeus marroquinos, compõem os perfis das narrativas presentes na coletânea.

Dos dezessete contos, salta aos olhos a presença decisiva da Amazônia, como se fosse uma personagem de destaque. É a rica e vasta floresta, com seus homens, mulheres e objetos culturais, que

⁴ Imagem retirada do site:

http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=nej&lang=1&page=827&menu=&tipo=1.

recebe os maiores louvores. A dicotomia criada em torno do narrador como homem civilizado e o caboclo morador da mata fechada em “Caboclo! Eu te invejo”, não é senão uma antítese valorativa a apontar na direção de Manduca, o homem acostumado a conviver harmoniosamente com a natureza.

Para além dos homens, os louvores se estendem à defesa da liberdade, tendo como prova a diversidade do Amazonas, como no texto “Liberdade não tem côr”, passando ao panegírico do nascer do sol e ao igarapé amazonense. Esses cenários constituem-se evocativos e de extraordinária beleza natural sob o ponto de vista do narrador. Dessa maneira, qualquer mudança ou progresso positivo na região desperta sonhos e lembranças aprazíveis da infância ao narrador-personagem à maneira do que acontece em “Transamazônica...”.

O folclore, predominante no imaginário local, também acha espaço nas narrativas colhidas por Esaguy, como nas duas vezes em que Juca-Pescador encontra a sucuriju, a cobra-grande das lendas amazonenses. Ou, ainda, a emocionante narrativa do menino Moisés, de traços angelicais, e a amizade com o touro malhado. Na morte do menino, o touro chora feito homem, desfalecendo de tristeza após a perda da criança. Contam aqueles de quem o narrador ouviu a história que Moisés, por tempos indefinidos, ainda monta o touro malhado pela floresta com a sua flauta, tal como o deus Pã da mitologia grega, de quem os moradores pedem resguardo pelos rebanhos.

Nos poemas presentes na obra, os temas pertencem às unidades familiares mais significativas, qual a presença da figura materna, da mulher amada, da natureza e de Deus. No poema “Por quê tanta teimosia em não querer esquecer?...”, a figura da mulher amada fixa-se na mente do eu-poemático a ponto de ele descrever qual o instante em que ela se lhe surge: “Na noite indormida / E na solidão, / Ela chega mansinho” (ESAGUY, 1995, p. 89). É desses versos que emerge o título do livro, a indicar não só a manifestação da mulher desejada, mas de toda a comunidade de seres tornada revivida no momento em que se recontam as histórias correntes de homens e mulheres, preenchendo as horas sem sono e de solidão.

Não escapa aos olhos do eu-lírico a visão atenta sobre a realidade que o cerca quando a ela retoma nos poemas “Mãe Preta”, refletindo sobre a escravidão no diálogo encetado pela ama de leite e o filho dos senhores. Em “O cão do mendigo” e “A morte do cão do mendigo”, a caracterização do animal e do sofrimento do dono revela um olhar consciencioso das relações sociais do Brasil vivenciado por Esaguy, o qual, sem muitas alterações, é ainda o de hoje. Em “A pensão”, a reflexão torna-se mais pungente por ocasião das diversas interpelações feitas pelo eu-lírico aos que o leem, espécie de conclamação para que pensem a situação social a que estão imersos e a partir dela tornem-se mais conscientes da sua condição econômica e social.

Entre os quinze poemas presentes em *Nas noites indormidas e na solidão*, é considerável o dilema apresentado em “Os dois amores”. Numa apóstrofe ao Senhor e às suas grandezas, o eu-lírico trata de desfiar os dois amores em que está dividido: por um lado, o amor à mulher; por outro, à Nação, ao Brasil “de céu cor de anil” (ESAGUY, 1995, p. 96). Está nesse poema o motivo pelo qual a voz poemática se encontra dividida, a meditar sobre a identidade judaica e, ao mesmo tempo, brasileira, especificamente, amazonense: “O não ser cristão / E o não ser judeu” (ESAGUY, 1995, p. 95).

Embora pertença à voz do poema a condição de duplicidade, e, talvez, justamente em razão dela, podemos traçar o diálogo entre o texto e o louvor da pátria realizado em conto da primeira parte de *Nas noites indormidas e na solidão* (1995). Nele, a Pátria é considerada, não como extensão territorial, mas de tal modo a gente que a constitui. A Pátria, nos dizeres do narrador e, quem sabe, no do próprio Esaguy, “sois vós [homens, mulheres, crianças]” (ESAGUY, 1995, p. 78).

Leão Pacífico Esaguy, homem que tanto ouviu as histórias do povo do Amazonas e legou-as à posteridade por meio de seus escritos, faleceu em fevereiro de 2010, aos 92 anos de idade.

Referências

ESAGUY, Leão Pacífico. *Nas noites indormidas e na solidão*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1995.

LEÃO PACÍFICO ESAGUY. *Letras UFMG*, 2015. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=nej&lang=1&page=827&menu=&tipo=1>. Acesso em: 18 de dezembro de 2022.

Biografia

Leão Pacífico Esaguy nasceu em 16 de dezembro de 1917, em Itacoatiara, no Amazonas. Filho de Pacífico Augusto Esaguy e Mathide Macnin Esaguy, Leão Pacífico Esaguy começou seus estudos em Portugal e, logo depois, em Manaus. Casou-se com Maria de Lourdes Esaguy, com quem teve cinco filhos. Trabalhou durante muito tempo como escriturário no Banco do Brasil. Cultivou a literatura como lugar de diálogo com a região amazônica e com as origens judaicas. Entre a produção literária de Esaguy constam os livros de conto e poesia *Contos amazonenses* (1981), *Nas noites indormidas e na solidão...* (1995), *Contos, lendas, narrativas* [s.d] e os romances *O Alejadinho* (1982) e *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste* (1999). Leão Pacífico Esaguy faleceu em 4 fevereiro de 2010, aos 92 anos de idade.



SAMUEL BENCHIMOL⁵

Um homem dedicado à Amazônia

Libna Keite da Silva Gama

Quando o assunto é Amazônia, seja em seu contexto econômico, político ou social, o estudo da obra de Samuel Benchimol se faz obrigatório. Escritor, economista, cientista, professor, empresário e intelectual, Samuel Isaac Benchimol nasceu em uma tradicional família de judeus marroquinos, na cidade de Manaus, Amazonas. O pesquisador dedicou-se aos estudos sobre a região amazônica, considerando, sobretudo, a sua contribuição para o desenvolvimento social do Brasil.

Benchimol é reconhecido por estudiosos de sua obra como um homem além do seu tempo, dedicado ao conhecimento e ao trabalho. Foi um exímio empresário. Deixou vasta produção intelectual, composta por livros, artigos e ensaios. Lillian Rezende Alvares (2015) divide-a em quatro categorias: a primeira é voltada para suas perspectivas pessoais, em que aborda sua experiência empreendedora; a segunda, fazendo jus à sua formação como economista, dedica-se a abordar políticas fiscais e tributárias na Amazônia; a terceira categoria faz referência ao comércio exterior, e a última é constituída por suas grandes obras, aquelas que de fato o consagram como um cientista e especialista da região amazônica.

Ao longo de sua trajetória, Benchimol publicou trinta e dois títulos, dos quais destacamos *Romanceiro da batalha da borracha* (1992); *Amazônia: a guerra na floresta* (1992); *Navegação e transporte na Amazônia* (1995); *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia* (1998); *Amazônia: quatro visões milenaristas* (1999) e *Amazônia: formação social e cultural* (1999), que são obras basilares para o estudo da região amazônica.

Originário de uma família de imigrantes judeus marroquinos, Samuel Benchimol nasceu em Manaus, em 13 de julho de 1923, mesma cidade em que veio a falecer em 7 de maio de 2022, aos 99 anos. Benchimol não apenas fez da Amazônia um objeto de estudo, como também viveu nesse espaço ricas e desafiadoras experiências. Ele tinha apenas três anos de idade quando sua família se deslocou de Manaus para viver em meio à floresta, na região do Abunã, onde o pai tinha um seringal e também exercia atividade de aviador de estivas. Em *Amazônia: um pouco-antes e além-depois* (2013), o estudioso concentra alguns episódios memorialísticos de sua vida. Ele narra suas vivências em meio à Amazônia

⁵ Imagem retirada do site: <http://amazonia.ibict.br/samuel-isaac-benchimol/>.

selvagem, as dificuldades de sua família e o papel fundamental de sua mãe, Nina Siqueira Benchimol, para que, anos mais tarde, eles conseguissem deixar o seringal em busca de uma boa educação.

Benchimol formou-se Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas em 1945, fez Mestrado em Sociologia e Economia, nos Estados Unidos, na Miami University, de 1946 a 1947, e doutorado em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas (1953). Paralelo ao seu currículo e produção intelectual, Benchimol também era membro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB seccional Amazonas), atuou como vice-presidente do Banco do Estado do Amazonas (1957 - 1962); diretor da Companhia de Petróleo da Amazônia (COPAM)- Refinaria de Petróleo de Manaus (1962 - 1968) e como diretor da Associação Comercial do Amazonas (1945 - 2002). Sua trajetória no magistério teve início em 1941, na escola primária Professor Vicente Blanco. Lecionou também em instituições de ensino técnico e foi professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na cidade de Manaus.

Além disso, Samuel Benchimol também se aventurou a escrever poemas entre 1942 a 1945, como se vê em *Versos dos meus verdes anos*, pequeno livro formado por poemas e haicais, publicado no livro biográfico de autoria de Abrahim Baze, *Samuel Benchimol: ensaio biográfico de um educador e empresário*. O poema “Pós-guerra” tematiza as tragédias ocorridas na Segunda Guerra Mundial, como se percebe a seguir:

Uma revoada de ritmos incendiou a tarde morna
A correnteza rumorosa do rio bravio
fugiu das nascentes e lançou-se no delta sangrento de mar
infinito
O horizonte do céu e do arco-íris abriu
os caminhos vagabundos para todas as distâncias eram ruínas
A nuvem despediu-se do céu sem mácula, para dispersar
os ritmos de todas as formas e fontes sem vida
Os pássaros revoaram, após o mergulho na onda, para fugir
da prisão do céu vazio, da tormenta dos ventos e do desespero dos homens Daqui,
dali e dacolá começaram a surgir
– preces humildes de andrajosos mendigos
– sons enfermos de crianças órfãs
– gemidos de mães grávidas no desespero do parto
– gozos e orgasmos falsos de prostitutas abandonadas
– gritos de dor de enfermos terminais – vozes de socorro de náufragos afogados –
brados de guerra e silvos dos fuzis e das metralhas
de balas perdidas
e sem destino
Longe, muito longe, surgiu a sombra e o perfil do poeta
para contar as histórias
chorar os amigos
enterrar os mortos

e fazer surgir da poeira das cinzas e do carvão das queimadas
um mundo novo, livre e liberto
para que todos pudessem, outra vez,
sonhar, viver e antecipar a chegada
do novo amanhã. (BENCHIMOL em BAZE, 2014, p. 334-335).

O eu-lírico entende que o poeta tem a missão de contar as histórias dos que sucumbiram na nefasta guerra. Esperançoso, ele almeja o futuro sem guerras. Segundo Alessandra Conde,

Em *Amazônia – um pouco antes e além depois* (1977), Benchimol declara ter realizado o alistamento militar com a intenção de combater o nazismo: “Pertencendo a um grupo de estudantes antinazistas, [...] apresentei-me, [...] por ocasião da declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo, como voluntários da Força Expedicionária Brasileira que se organizava para combater na Itália” (BENCHIMOL, 2009, s/p). (CONDE-SILVA, 2022, p. 34).

Como reconhecimento de sua inquestionável relevância intelectual, o estudioso recebeu honrarias em vida, como uma cadeira na Academia Amazonense de Letras. Depois da sua morte, o prêmio Professor Samuel Benchimol foi criado em sua homenagem, em 2004, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), do Governo Federal, com o intuito de pensar a Amazônia em variadas dimensões, estimular a criação e implementação de projetos para o desenvolvimento sustentável, visando o aumento da produtividade das empresas, a exploração de recursos naturais sem impacto ambiental e a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da região.

Samuel Benchimol foi transformado em personagem literário no romance *A filha dos rios*, de Ilko Miney, publicado em 2015. Foi lembrado por outros escritores amazônidas, como Márcio Souza, de quem foi amigo e incentivador do fazer literário, e a quem cedeu a obra *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia* para uma adaptação teatral. Podemos então considerar que, para além de um estudioso e escritor, Samuel Benchimol é um intérprete da Amazônia. “É”, verbo conjugado no presente, considerando sua relevância nos debates e pautas acerca das questões que permeiam a região amazônica.

Referências

ALVARES, Lillian Maria Araujo de Rezende. *Imensidão Amazônica: ciência e vida de Samuel Benchimol*. Prêmios da Amazônia, [S.I.] [2013?]. Disponível em: <<http://amazonia.ibict.br/samuel-isaac-benchimol/>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CONDE-SILVA, Alessandra. No coração da Amazônia, ecos da Shoah na Literatura e nas Artes plásticas. In: NASCIMENTO, Lyslei. VANI, João Paulo (org.). *Shoah - 80 anos de memória e resistência*. Vol 1. São Paulo: HN Editora, 2022. p. 23-43.

Biografia

Samuel Isaac Benchimol nasceu em Manaus, em 13 de julho de 1923, e faleceu em 05 de julho de 2022, aos 99 anos. Escritor, professor, cientista, economista e grande empresário, deixou como herança uma vasta produção literária e acadêmica, composta por livros, artigos e ensaios que atestam sua magnificência intelectual. Filho da Amazônia, dedicou-se ao estudo dessa região e da sua rica diversidade natural e social, tornando-se uma autoridade no assunto. Ao longo de sua trajetória, publicou trinta e dois títulos, dos quais destacamos *Romanceiro da batalha da borracha* (1992); *Amazônia: a guerra na floresta* (1992); *Navegação e transporte na Amazônia* (1995); *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia* (1998); *Amazônia: quatro visões milenaristas* (1999) e *Amazônia: formação social e cultural* (1999), obras basilares para quem deseja estudar ou conhecer a região amazônica.



MADY BENOLIEL BENZECRY⁶

Mady Benoliel Benzecry entre as mulheres sensuais amazônicas e as imagens da tradição judaica

Alessandra Conde

Messody Benoliel Benzecry, conhecida por Mady, nasceu em Manaus, em 1933. Oriunda de uma tradicional família de judeus-marroquinos, Mady Benzecry foi poeta, artista plástica e musicista. Publicou dois livros de poesias: *De todos os crepúsculos* (1964) e *Sarandalbas* (1967). Suas pinturas refletem a cultura amazônica, em diálogo com algumas de suas poesias, e a tradição judaica. A artista e escritora faleceu em 11 de junho de 2003. Segundo Mário Margutti (2003, p. 61),

Mady nasceu em Manaus no tempo em que lá não havia luz elétrica e a cidade era apenas uma encantadora província, conhecida como Cidade Risonha por causa dos seus recantos aprazíveis e floridos. Seu pai, o judeu marroquino-português Jacob Paulo Levy Benoliel, foi um homem extremamente severo, que criou todos os filhos sob a mais férrea das vigilâncias [...] Como resultado, a menina Mady cresceu para dentro, nas asas da sua imaginação poética, contrabalançando na alma duas forças rivais: uma sensibilidade especial, que a fragilizava emocionalmente, e uma saudável rebeldia aquariana, que lhe daria forças e obstinação para libertar-se das amarras da vida provinciana e ir ao encontro da sua própria realização individual.

Em “Baú da infância”, poema de *Sarandalbas*, o eu-lírico canta a gente da terra e alude à presença de imigrantes. Os avós judeus marroquinos tornam-se tema poético. A avó era a guardiã do baú das quinquilharias, imagem que a poeta toma como metáfora da memória. De lá extrai tios, avós, primos e toda sorte de gentes que a memória familiar cristalizou em diálogo com as figuras peculiares da infância. Com sutileza e ternura, diz da avó: “Anos depois morreu, / sozinha como gostava, / calada como viveu” (BENZECRY, 1967, p. 30).

Em “CIDADE FLUTUANTE”, mulheres “belas e ardentes”, um “misto de peixe e de gente” (BENZECRY, 1967, p. 66) ecoam o imaginário amazônico. O boto cantador, de “O REGATÃO (BUFARINHEIRO)”, à meia noite sai em busca de mulheres para seduzir: “Arrepara os pés desse macho / que canta pra te encantá / é rabo de peixe, é boto / que veio te enfeitá” (BENZECRY, 1967, p. 72). Para Mário Margutti (2003, p. 105),

⁶ Imagem retirada do site: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/amazonas/mady_b_benzecry.html.

Poetisa-Música-Pintora, Mady é uma analogia viva do Amazonas. Tocando com suas artes a raiz do lirismo, ela se identifica com as lendas e feitiços da sua terra, evocando essências, amalgamando-as, ela própria, nos temas da sua arte, como num rito de celebração da memória, tornando-se uma espécie de sacerdotisa-guardiã das luxuriantes belezas amazônicas.

Em suas pinturas, Mady Benzecry pintou mulheres sensuais. Algumas delas aludem ao imaginário amazônico, como se vê na imagem a seguir:



Figura 1 – *As Amazonas I*, de Mady Benoliel Benzecry⁷.

O tema das amazonas evocado por Mady Benzecry cintila rastros da história que nomeou a região. Mulheres livres e guerreiras, como personagens luminosas transitando em um espaço mítico amazônico, reavivam a lenda das amazonas. Como dito em outro lugar,

As amazonas I, pintura de Mady Benzecry, alude à lenda das mulheres guerreiras da cultura grega. Assim como o navegador espanhol Francisco de Orellana, ao nomear o rio da região explorada, Benzecry sucumbe ao mito ficcionalizado fazendo-o motivo artístico em variação. Apesar dos arcos em mãos, na pintura, elas não têm uma postura marcial. Desnudas e sedutoras: recebem enfeites de rosas nos longos cabelos negros e a tez morena contrasta com a alvura dos cavalos. [...] A recriação da lenda das amazonas traz o diálogo e a tensão entre as regras apolíneas e dionisíacas, entre o dia e a noite, numa narrativa ambivalente, conflitante, pois, além das aparências, numa perspectiva dionisíaca, estão as mulheres em guerra, ainda que postas em um cenário apolíneo, harmônico. (CONDE-SILVA; SILVA, 2021, p. 8).

⁷ BENZECRY em MARGUTTI, 2003, p. 83.

Em *Natividade II*, Mady Benzecry retrata a mãezinha indígena, imagem ao mesmo tempo selvagem e sensual em diálogo com a ternura que a maternidade evoca. Selvagem é a pequena onça que se aninha ternamente na rede em que a mãe está a embalar a criança. A natureza imobiliza-se para ver a cena maternal. Aves, onça e a mãe orgulhosa contemplam a inocente criança agarrada ao seio:



Figura 2– *Natividade II*, de Mady Benoliel Benzecry⁸.

Adão e Eva na Amazônia? O tema bíblico em sensível variação pode ser visto em *Jardim do Eden*, de Mady Benzecry:

Adão e Eva estão em um cenário idílico, conforme a tradição da representação do motivo edênico. Há, todavia, alguns registros da fauna e flora amazônicos. A onça pintada descansa harmonicamente ao lado de animais africanos e Adão está prestes a devorar o fruto proibido. Atrás deles, um rio caudaloso é iluminado pela lua de intenso brilho que surge por trás de montanhas em formato triangular. Como uma moldura, surgem coqueiros e uma vegetação abundante, demarcando amplo espaço de coloridas formas vegetais. (CONDE-SILVA; SILVA, 2021, p. 6-7).

⁸ BENZECRY em MARGUTTI, 2003, p. 108.

A imagem que retrata o mito judaico ganha aditamentos da flora amazônica. A bela Eva sensualiza-se por trás de Adão, como se estivesse a insinuar, impelir à mordida, na fruta, na carne apetitosa:



Figura 3 – *Jardim do Eden*, de Mady Benoliel Benzecry. ⁹

Mady Benoliel Benzecry cantou e pintou a Amazônia, conforme afirmamos em outro momento. A comida amazônica com seus pratos peculiares recebeu tratamento poético no poema “Alegretto de Roçassine” de *Sarandalbas*. A poeta musicista, todavia, ajustou a saudade das comidas da terra compondo uma composição musical:

Se cantou a sua gente judia, cantou também a sua gente amazônica. Em *Alegretto de Roçassine*, da seção *5 cantilenas*, Benzecry poetou uma canção, rememorando sabores da culinária local: “Da minha terra / Eu não sinto saudade, {Bis / Mas sinto falta / Das comidas de lá á á á” (BENZECRY, 1967, p. 68). O tacacá, a macaxeira, o taperebá, o tucupi, “a tartarugada / na varanda do solar” (BENZECRY, 1967, p. 69) são cantados/evocados/rememorados por uma voz de contralto, em lá menor, atendendo a notações com andamento em alegretto, induzindo a uma interpretação ligeiramente alegre e rápida. Em notação, Mady Benzecry pontua: “(acompanhamento de caixa de fósforo seca)” (BENZECRY, 1967, p. 68), embalando o ritmo numa percussão peculiar que se aproxima de um samba. (CONDE-SILVA, 2020, p. 104).

Benzecry, em suas pinturas, privilegiou motivos como a maternidade, a mitologia local, a cultura e a realidade amazônicas, a mulher sensual e a tradição judaica bíblica. Em suas poesias, singularizam-se as memórias da família e da infância, as imagens da cultura de uma terra rica e saborosa, imagens que o tempo não foi capaz de apagar, sendo rememoradas em pinturas, versos e música.

⁹ BENZECRY, em Margutti, 2003, p. 23.

Referências

BENZECRY, Mady Benoliel. *Sarandalbas*. Manaus: Pongetti, 1967.

CONDE-SILVA, Alessandra F. Memórias de uma judia sefardita: reminiscências poéticas na Amazônia. *Revista Moara*, n. 56, vol. 1, ago-dez 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9783/6756>.

CONDE-SILVA, Alessandra; SILVA, Joel Cardoso da. Duas artistas plásticas judias na Amazônia. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 15(29), 2021, p. 30–44. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/35907>.

MARGUTTI, Mário. *Embaixadores da alma brasileira: vida e obra de Batista e Mady*. Rio de Janeiro: Lucky, 2003.

Biografia¹⁰

Messody Benoliel Benzecry, ou Mady, nasceu em Manaus no dia 19 de fevereiro de 1933. Filha de uma tradicional família judia manauara, Mady casou-se aos 16 anos e teve dois filhos: Jacob Elias Benzecry (Elly) e Norma Nellie. Começou a carreira como poetisa, mas enveredou mais tarde para as artes plásticas. Radicada no Rio de Janeiro, casou-se, em segundas núpcias, com o escultor Eugênio Carlos, conhecido como Batista. Ela e o marido foram reconhecidos como “Embaixadores da alma brasileira”, representando o Brasil em vários eventos e recepções a ilustres personalidades, como o Príncipe Charles e a Princesa Diana. As obras do casal foram apreciadas por estrelas de cinema e grandes mandatários internacionais, como o presidente Ronald Reagan e a Rainha da Inglaterra. Mady Benoliel Benzecry participou de muitas exposições internacionais, por mais de 20 anos. O L’Officiel declarou Mady e seu marido como “dois criadores dos mais célebres do Brasil” e “verdadeiros embaixadores itinerantes da arte pictural de seu país” (MARGUTTI, 2003, p. 178). Em 1964, Mady publicou o seu primeiro livro: *De todos os crepúsculos*. Três anos depois, em 1967, ela publica o seu último livro de poesias: *Sarandalbas*. Algumas de suas pinturas evocam temas já retratados em suas poesias. Mady Benoliel Benzecry faleceu em 11 de junho de 2003.

¹⁰ Texto biográfico retirado do Dicionário de Escritores Judeus Brasileiros do Núcleo de Estudos Judaicos da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=nej&lang=1&page=3682&menu=&tipo=1.



ILKO MINEV¹¹

“Sou o búlgaro mais caboclo do Brasil”: Ilko Minev, um escritor da Amazônia

Alessandra Conde

Ilko Minev é um escritor da Amazônia. Escreveu, até o momento, quatro romances: *Onde estão as flores?* (2014), *A filha dos rios* (2015), *Na sombra do mundo perdido* (2018) e *Nas pegadas da Alemoa* (2021). Os romances contam a saga da família de Licco Hazan, sobrevivente de um campo de trabalhos forçados na Bulgária, sob domínio nazista. A Amazônia acolheu Licco e sua esposa Bertha. Em Manaus formaram família e prosperaram. “A partir daí, o romance dará conta de outro assunto histórico: o estabelecimento social e econômico da comunidade judaica na Amazônia, ecoando aspectos sócio-históricos levantados por Samuel Benchimol em *Eretz Amazônia* (2008)” (CONDE-SILVA, 2022, p. 29).

Os primeiros capítulos de *Onde estão as flores?* narram o trauma de quem sobreviveu ao nazismo e entende a necessidade de não obliterar a tragédia para que não se repita:

No outono da minha vida, antes que as doenças e a senilidade me calem, sinto necessidade de contar e de transmitir lembranças e lições que acumulei em mais de 90 anos. Levei bastante tempo para me convencer de que era importante registrar essas memórias, exortações e recomendações para filhos, netos, bisnetos e todos que queiram saber um pouco mais desses exemplos do passado. A esperança é que um dia, ao ler este relato, lembrem-se de mim com saudade, orgulho e gratidão. (MINEV, 2014, p. 11).

Os demais romances — *A filha dos rios* e *Na sombra do mundo perdido* — têm o sobrinho de Licco, Oleg Hazan, e Alice Melul como personagens de destaque. Nessas histórias, ocorridas no interior da Amazônia, em Rondônia e em Roraima, indígenas, garimpeiros, plantadores de arroz convivem com o casal judeu. *Nas pegadas da Alemoa* tem como narradora a filha temporã de Licco Hazan. Ela e seus amigos partem em busca da alemoa, filha de um soldado nazista e de uma indígena da etnia Aparai. Os nazistas realizaram uma expedição científica na Amazônia em 1935: “A expedição alemã deixou um monumento mortuário no Amapá: um túmulo nazista. Uma foto deste túmulo chama a atenção de Licco Hazan, mas a morte o encontra antes que possa desvendar o mistério” (CONDE-SILVA, 2022,

¹¹ Imagem retirada do site: <https://ilkominev.com/palestra/>.

p. 1). Rebeca, seu primo Oleg e outros companheiros cumprem o desejo que Licco não conseguiu realizar.

Os romances de Minev tematizam a presença de judeus na Amazônia, em diálogo com as singularidades da cultura e da diversidade étnica, conforme declara o escritor:

Desde que cheguei da Bulgária há mais de 40 anos como dissidente do regime comunista, a Amazônia me ensinou e me deu tanto que uma das formas de contribuir é contar sobre suas histórias, sua economia e suas belezas em minhas palestras.

Como empresário, me aprofundi na economia da região. Do extrativismo à Zona Franca de Manaus, passando pelo garimpo e o ciclo da borracha, o desenvolvimento da região é bastante peculiar e interessantíssimo. E tem muito a ensinar aos brasileiros, que pouco conhecem essa história.

Arelada à economia, acontece a ocupação da Amazônia por judeus, ingleses, árabes, entre outros imigrantes. Sou judeu e minha família faz parte dessa história e é por isso que serve como pano de fundo para os meus três livros – *Onde Estão as Flores?*, *A Filha dos Rios* e *Na Sombra do Mundo Perdido*. Com a mesma paixão, conto sobre a mistura dos índios e colonos nas minhas palestras, dando um panorama deste caldeirão amazônico.

Tudo que testemunhei, todas as aventuras que vivi – virei até documentário na Discovery quando me perdi na floresta – me motivam a registrar essas histórias, seja em forma de livros, seja em forma de palestra. Sou o búlgaro mais caboclo do Brasil, e é isso que mais me motiva.¹²

Referências

MINEV, Ilko. *Onde estão as flores?* São Paulo: Livros de Safra, 2014.

CONDE-SILVA, Alessandra F. Os livros dentro do livro e o monumento da barbárie em Nas pegadas da Alemoa. *Arquivo Maaravi. Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 16(30), 192–194. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/39454>.

CONDE-SILVA. No coração da Amazônia, ecos da Shoah na Literatura e nas Artes plásticas. In: NASCIMENTO, Lyslei; VANI, João Paulo. *Shoah: 80 anos de memória e resistência*. Vol 1. Diáspora e imigração. São José do Rio Preto, SP: HN, 2022.

Biografia¹³

Ilko Minev nasceu na Bulgária, em 1946, mas se define como brasileiro. Há 45 anos morando no país, o escritor gosta tanto da região amazônica, lugar que escolheu morar e criar sua família, que se considera um caboclo. Das suas andanças pela região, nasceram muitas histórias, três delas registradas

¹² Texto autobiográfico retirado do site do escritor: <https://ilkominev.com/palestra/>.

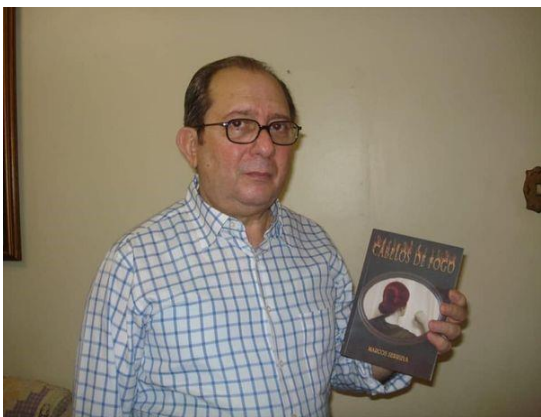
¹³ Texto retirado do site do escritor: <https://ilkominev.com/biografia/>.

em livro: *Onde Estão as Flores?*, *A Filha dos Rios* e *Na sombra do Mundo Perdido*, sua mais recente obra lançada pela Buzz Editora.

Outras histórias, como quando se perdeu na floresta com o filho, viraram até um especial para TV. Muitas outras, ele conta neste site através de seus artigos e vídeos. O gosto pela literatura o acompanha desde que era um menino na Bulgária dos anos 50 e 60 que vivia sob a Cortina de Ferro. Foi em Sófia, a capital do país, que decidiu cursar faculdade de Letras. Lá se aproximou de um grupo de dissidentes do regime comunista e passou a ser perseguido. Era ser preso ou fugir. Pediu asilo na Bélgica, onde estudou economia. O destino e conexões familiares o trouxeram para o Brasil, o trabalho, para Manaus. Apesar da repressão a qualquer educação religiosa e dissidente do marxismo, aprendeu ainda menino com sua mãe, Eva, os princípios do judaísmo e do humanismo. Paralelo ao idioma búlgaro, os Minev falavam alemão em casa e tinham noções de ladino, a língua que os judeus do Mediterrâneo continuaram a praticar depois de expulsos da Espanha no final do século XV. Assim o jovem Ilko herdou não só a rica cultura búlgara, mas também conheceu outras culturas.

A paixão por novas culturas e povos só cresce após vir para o Brasil em 1972, com uma oferta de emprego. Primeiramente para São Paulo, depois para Manaus para tocar a operação de uma empresa de eletrônicos na emergente Zona Franca. Dois anos depois é contratado pela loja de departamentos Bemol onde fica até se aposentar em 2012 como sócio. Paralelo às atividades empresariais, Ilko exerce o cargo de Cônsul Honorário dos Países Baixos (Holanda) no Amazonas durante quase 30 anos, além de fundar e presidir o clube Hebraica em Manaus.

Ilko Minev é casado com Nora Benchimol Minev há 43 anos. Tem dois filhos, Denis e Ilana, e três netos, Samuel, Eli e Ben. Uma família de amazônidas, termo usado para denominar quem ama o Amazonas, suas belezas e sua cultura.



MARCOS SERRUYA¹⁴

Ecoss da imigração judaica em Marcos Serruya

Angélica da Silva Pinheiro

No dia quatro de abril de 1947, na cidade de Belém, nasceu Marcos Serruya. Foi o terceiro filho de uma tradicional família de imigrantes judeus marroquinos sefarditas. Morou na cidade de Belém, lugar onde se formou em medicina pela Universidade Federal do Pará. O médico se tornaria, na maturidade, escritor de romances.

Sua primeira obra foi *De volta à capela*, assinada com o pseudônimo de Moser Mac Seyam. Apesar de não ter sido publicado, o livro teve leitores: seus familiares e amigos mais próximos. Escreveu ainda *O cabalista* (2008) e *Cabelos de fogo* (2010). Neles, a tradição judaica apresenta-se com fortes tintas. Em seu primeiro romance publicado, o autor lega à narrativa rastros autobiográficos, exprimindo com justeza o arraigamento de seus estudos da mística judaica, a Cabala. A história, que envereda por experiências místicas, toma forma na voz e na memória do personagem judeu, em tempos diferentes, porém entretecidos:

O livro narra a trajetória de um judeu [...] sefardita, que reside em Belém do Pará, em sua busca pelo conhecimento do universo cabalístico, desde o começo de sua vida adulta – quando ele é surpreendido por sinais sobrenaturais que o sugerem a uma ligação de vidas passadas com a Cabala – até os seus 60 anos quando ele, então médico, se aventura em busca de um grande estudioso da Cabala judaica, que reside em Israel, o chamado cabalista, a quem o título da obra faz referência. A história é contada a partir das memórias de três momentos da vida do personagem principal: o presente, marcado pela chegada dele em Israel, de onde ele começa a narrativa; a pré-adolescência, durante o ginásio escolar, quando ele começa a perceber que possui dons especiais, ou psíquicos, como relata no livro; e a juventude, enquanto acadêmico de medicina, em que ele passa por um momento de reafirmação da sua religiosidade/identidade judaica. (GAMA, 2020, p. 120).

A cultura e a tradição judaico-marroquinas estão presentes na ficção de Serruya. Seu segundo romance revela a tendência de ecoar a presença judaica na Amazônia. *Cabelos de fogo* (2010) narra a história de uma judia polonesa, trazida para a Amazônia por uma organização criminosa, no final do século XIX. A personagem Hana vive a tragédia de ser uma judia prostituída e a condição de afastamento da tradição judaica. O romance é considerado semi biográfico, conforme Regina Igel:

¹⁴ Imagem cedida pelos familiares do autor.

Este pequeno livro dá continuidade a outras obras brasileiras sobre o mesmo tema: o comércio e exploração de moças européias judias no começo do século 20. Eram jovens ingênuas, filhas de famílias arraigadas em vilarejos habitados por judeus pobres, apegados à religião e alheios às maldades do mundo, mesmo a de seus correligionários. [...] Esta é uma história real, pesquisada na região norte do país, onde de fato viveu uma moça judia, obrigada a vender sua beleza natural e sua juventude. (IGEL, 2012, p. 22).

Foi assim que o escritor construiu a história de *Cabelos de fogo*. O tema judaico sobressai também nesse romance, desta vez, narrando a história de uma polaca na Amazônia, de maneira a evidenciar a resistência da fé judaica na trajetória da personagem, conforme dito em outro lugar:

a temática judaica é fortemente retratada ao longo da narrativa. A personagem judia Ana Júlia, chamada de Hana na Polônia, é uma imigrante que tenta se adaptar a condição imposta e o ambiente novo. É ecoado na personagem uma história de resistência cultural. [...] Na obra, a personagem Hana, que adotou em terras brasileiras o nome Ana, próximo ao fim da vida, já bastante adoentada, faz a tentativa de retorno à prática judaica: procura frequentar uma sinagoga. Contudo, seu passado de prostituição torna difícil sua ressocialização na comunidade judaica sefardita, além do fato de ter ascendência askenazita e buscar convivência entre seus irmãos sefarditas. (PINHEIRO; CONDE-SILVA, 2019, p. 119-120).

O enredo de *Cabelos de fogo* (2010) desenvolve-se a partir do personagem Ionathan, bisneto de Ana Júlia. Filho de um descendente de judeu marroquino, Ionathan desejava converter-se ao judaísmo, por isso, inicia uma busca para a comprovação de sua ascendência judaica por condição matrilinear, por meio de uma investigação. O desenrolar da história revela o modo como a judia Ana Júlia foi enganada ainda em sua terra de origem, a Polônia. Um jovem rapaz, passando-se por um bom judeu, conquista a confiança da moça e de seus familiares. Após o casamento, Ana Júlia deixa a Polônia em direção à América do Sul, mas ainda em viagem descobre seu verdadeiro e cruel destino.

Os romances do escritor amazônico revelam a entrada de judeus sefarditas e askenazitas na região amazônica, a busca e conservação da cultura judaica, apesar das condições culturais híbridas encontradas nesta terra que os acolheu.

Referências

GAMA, Libna Keite da Silva. Trajetórias místicas em “O Cabalista” de Marcos Serruya: diálogos religiosos. *A palavrada*. V. 1. n. 18. p. 116-120, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/19P0orr6Tpn2a1BNM30PugmrHtCUuAq5l/view>. Acesso em: 24 dez. 2022.

IGEL, Regina. Uma obra revisitada. *Amazônia Judaica*. n° 7 p. 22-23, 2012. Disponível em: https://issuu.com/amazoniajudaica/docs/edi__aopessach5772. Acesso em: 15 jan. de 2023.

PINHEIRO, Angélica da Silva; CONDE-SILVA, Alessandra F. da. A prostituição e a condição judaica em Cabelos de fogo. *A palavrada*. V. 1. n. 15. p. 115-125, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1WkvYOf2iiS1ifBtgdhKuSQnqLM-nicR>.

Biografia

O escritor Marcos Serruya, filho de Leão Serruya e Meryam Alves Serruya, nasceu no dia quatro de abril de 1947. A família paterna estabeleceu-se na cidade interiorana do Pará, Cametá, e a materna, em Alenquer. Serruya nasceu em Belém do Pará, cidade onde os pais se casaram e residiam. Quando o pai faleceu, Marcos Serruya era ainda adolescente. Estudou em escolas públicas e formou-se em medicina na Universidade Federal do Pará, aos 23 anos. Trabalhou no exército, levando cuidados médicos a pessoas residentes em lugares remotos e fronteiriços. O médico e escritor casou-se com Rosa Maria Morim. A união gerou duas filhas, Karen e Débora, mas a desventura deixou-o viúvo. Mais tarde, ele casou-se com Celeste Pinto Serruya, judia descendente de marroquinos. Da nova união concebeu duas filhas, Ingrid e Ava. Com a maturidade, empenhou-se na comunidade judaica paraense, tornando-se presidente do Centro Israelita do Pará (CIP). Foi também editor do jornal *Amazônia Judaica* e membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES). Faleceu, em 2010, pouco tempo após lançar o seu segundo romance. Produziu o *Pequeno estudo sobre os segredos das pragas do Egito*, publicado em 1999, uma tradução comentada do aramaico, que colabora com estudos da comunidade judaica. Hoje, o estudo alcança muitos irmãos judeus marroquinos, já que faz parte da *Hagadá de Pésach em rito sefaradi marroquino* (2011), editada por David Salgado. Seus romances publicados foram: *O Cabalista* (2008) e *Cabelos de fogo* (2010).



ELIAS SALGADO¹⁵

A favor de todas as contra expectativas

Elias Salgado

Me chamo Elias. Para meus amigos do colégio secundário de Israel, sou o Eli, um diminutivo de Eliahu, em hebraico. Eli, entre os judeus marroquinos em Israel, é como José ou Antônio entre os brasileiros de origem portuguesa: ou seja, mais popular impossível.

Diria mais que isso: comum até demais. Só na minha turma éramos quatro Eli.

Esse costume de usar diminutivo dos nomes das pessoas é bem típico dos judeus sefarditas (ibéricos) do Norte do Marrocos, como meus avós paternos e toda nossa comunidade amazônica. Certamente por influência do judeu espanhol e, em nosso caso específico, da nossa amada haquitia: Ana, Anita; Moisés, Moshito; Meryam, Meryta e por aí vai longe. Êta melaço!

Sim, assim somos: calorosos, exagerados, passionais, barulhentos, festeiros até não mais poder. Vou tentar descrever para vocês uma cena envolvendo os Elmaleh-Salgado, filhos de Syme Alves e Lázaro Salgado, em reunião familiar:

– Symita, mi hermana querida, vistes que malogrado aquele sachen, o teu vizinho?

Quem disse que Symita conseguia escutar o que dizia sua irmã Anita, já que na casa todos falavam gritando e ao mesmo tempo? Mas mesmo assim, ela continuava gritando e gesticulando e finalmente praguejando, já que Symita não conseguia escutá-la e entender o que dizia.

– Negro mazal, Symita malograda. Eres mesmo uma sotê.

Até que se apossando de toda sua brava insistência atravessou a sala indo até onde estava sua irmã, ajudando a pôr o vinho e as matzás na mesa.

– Symita, estás surda, mi reina, não me ouvistes te chamar, ferazmal? Tu sabias que teu vizinho, aquele sotê, bateu na porta perguntando se estava tudo bem conosco e se acaso precisássemos de ajuda, pois como escutou gritos e discussões achou que algo de errado estava acontecendo.

Symita fez um sinal de desprezo, deu meia volta e foi terminar o que estava fazendo.

¹⁵ Imagem cedida pelo próprio autor.

– Meu ribi Shimon Bar Iochai, será que ninguém se entende mesmo nesta casa? Hermanos endiamantados o Seder vai começar. Dio bendicho, los judios ya lograron irse de Mitzraim y ustedes siguen a pelearse.

Era meu tio Saul, o mais calmo deles, chamando a todos para a ceia de Pessach.

Pelo lado materno, não é que sejam menos barulhentos, muito pelo contrário, mas é do Brasil “mais profundo” o lugar de onde vêm. Digo mais profundo por conta do tempo que por aqui estão seus ancestrais. Tanto os Souza quanto os Oliveira de meus avós maternos têm suas raízes fincadas também na Amazônia. Vieram, todavia, de Portugal, com passagem pelo Nordeste, para onde chegaram lá pelos idos do século XVII. Em suas veias, corriam sangue outrora judeu ibérico, como os de meu lado paterno, mas que a Inquisição, com suas perseguições e massacres, fez com que se afastassem de suas origens ibero-judaicas.

Eis um tema de estudo que minha porção de pesquisador dos judeus da Amazônia está devendo aos interessados no tema: trabalhar mais pelo incremento das pesquisas sobre a presença cristã-nova na Amazônia e suas conexões com a comunidade de imigrantes judeus marroquinos que lá chegaram em princípios do século XIX. Se bem que em se tratando da minha história pessoal em algumas coisinhas eu já “meti minha colher”.

Mas, voltando ao princípio desta história, seguirei falando mais de mim mesmo (como se tudo o que tenha contado até aqui não seja de cunho pessoal), afinal, não foi para isso que vocês me convidaram? Bem que eu tentei dissuadi-los a deixarem o convite de lado, mas me juraram que haveria gente interessada em me “escutar”. Será mesmo?

Se é dos leitores que estamos falando, vou lhes fazer uma confissão, até aqui um segredo que apenas Marizinha e minhas filhas, Tamara (Tami) e Luna (Lu-nita), conhecem: conto nos dedos os meus leitores. A depender dos leitores não teclaria uma letra sequer... é que sou o mais egoísta dos seres humanos: escrevo como se estivesse me mirando no espelho.

Mas, homem, e a biografia que te pediram para escrever? Está fugindo por quê?

Não se trata disso. É que o camarada é prolixo e se deixarem ele falar vocês vão dormir na certa. E em sua defesa, sim, tenho algo a dizer: Manos, a história é longa...

Vou respirar fundo e me concentrar para tentar resumir: como já disse em outro momento, eu vim do “Fim do Mundo” (Lá de Boca do Acre, no Amazonas) e estive em 4 dos 6 continentes deste planeta (América do Sul, África do Norte, Europa e Ásia (Oriente Médio). Considerando as inúmeras idas e vindas, bota aí 30 milhões de km²! Gente, juro que não é história de pescador, é o *Google* quem está dizendo. E eu duvido que tenha alguém aí que queira questionar o dito cujo.

Agora, me digam: com esta biografia eu teria como não ser um prolixo contador de histórias?

E é esta, senão outra, minha razão de viver. Obrigado pelo convite.

P.S. Entre as poucas coisas que me entristeceram ao longo desta trajetória até aqui – e ela só está no meio da estrada – foi que, infelizmente, não pude atender ao sonho de minha mãe Vidinha, que sonhava em ver seu filho primogênito, um funcionário de carreira do Banco do Brasil... Desculpa aí, Meryta, nossa querida Vidinha.

Rio de Janeiro, 03/12/2022

Glossário (por ordem de aparição):

Haquitia: Idioma oral falado pelos judeus do Norte do Marrocos. Mescla espanhol medieval, hebraico e árabe.

Malgrado: Desgraçado. Usado em maldições

Sachen: Pode ser um fulano qualquer. No caso da gíria brasileira seria “cara” ou um não judeu. E até mesmo vizinho do hebraico shachen.

Mazal: Sorte.

Sotê: Maluco, doido.

Matzás: Pão ázimo.

Ferazmal: Livre de todo mal.

Ribi: Meu rabino. Meu sábio.

Endiamantadas: Formosas, brilhantes.

Mitzraim: Egito.

Pelear: Brigar.

Biografia

Elias Salgado nasceu em Boca do Acre, em 1958, no Estado do Amazonas. A família, anos depois, migrou para Manaus, onde passou parte da infância e da adolescência. O historiador e cronista mora no Rio de Janeiro, com sua esposa Mariza Moreira Blanco. Formou-se em História, pela Universidade Santa Úrsula, e Economia, pela Universidade Gama Filho. cursou pós-graduação em Educação e História pela Universidade Hebraica de Jerusalém. É presidente e fundador do Portal Amazônia Judaica, do Arquivo Histórico Amazônia Judaica, sítios eletrônicos de estudos sobre a presença judaica na Amazônia, assim como é fundador, diretor e membro do conselho acadêmico do Centro de Estudos Judaicos da Amazônia (CEJA). É editor das revistas *Universo Sefarad* e *Amazônia Judaica*. Seus livros de crônicas são: *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio* (2015), *Vou ali e volto já* (2018) e *Memória Indiciada* (2020).



MYRIAM SCOTTI¹⁶

A escrita feminina de Myriam Scotti

Myriam Scotti

Embora a literatura esteja presente em minha vida desde que sou muito criança, o que, verdadeiramente, me trouxe até a escrita foi minha própria experiência materna. A chegada do meu primeiro filho foi perturbadora e me causou profundas inquietações, desde o momento em que o puseram no meu colo e, ao contrário do que ouvira durante toda a minha vida, não me senti arrebatada instantaneamente. O momento mágico, pelo qual aguardara com ansiedade, não aconteceu. O mal-estar perdurou por meses, diante dos olhares inquisidores de quem me cercava e pressupunha um comportamento padrão para o momento em que me encontrava, de modo que a escrita se tornou ferramenta para eu elaborar todos os sentimentos em ebulição. Iniciei, então, minha trajetória como escritora escrevendo crônicas maternas sobre o lado nebuloso que eu estava experimentando e ninguém me contara existir.

Escrever meus silêncios se tornou um exercício de autoconhecimento necessário para que eu seguisse meus dias. Algumas mulheres se identificaram com as crônicas, mas a maioria enxergou-me dura, exagerada, depressiva, a mãe desalmada que não amava o próprio filho. Além da escrita em si, a leitura de obras escritas por mulheres foi muito transformadora. Ao me deparar com a literatura de autoras corajosas, que descreviam mulheres reais, com angústias que se aproximavam das minhas, encontrei acolhimento, identificação e, enfim, pertencimento no mundo materno, onde costuma prevalecer uma neblina idealizada que nos sugere o eterno sacrifício e o amor desmedido, além de provocar questões fundamentais para os nossos dias: Afinal, toda mulher nasce para ser mãe? Ao escolher a maternidade, esse seria o único caminho a seguir ou seria possível a conciliação de vários papéis em busca da realização pessoal para além da maternidade? Por que razão, ao falar abertamente sobre o outro lado, mais sombrio, do materno, sofreremos severos julgamentos da sociedade?

Logo, é por meio da escolha da voz narrativa que desmistifica a maternidade que tento promover a singularidade do meu próprio texto. Acredito que urge revermos as relações maternas a

¹⁶ Imagem cedida pela própria autora.

fim de discutir as tantas representações idealizadas da maternagem, para se promover uma reflexão sobre outros caminhos possíveis em relação a esses estereótipos que tendem a oprimir a figura feminina. Imbuída dessas emoções, tenho publicado poesia, crônicas, contos e romances que possam gerar reflexões e discussões sobre esse ser feminino tão complexo e tão plural. Busco a escrita do que Lúcia Castello Branco chama de “mulheridade”, termo que descreve muito bem as minhas obras.

Biografia

Myriam Rachel Benayon Reis Scotti, escritora judia amazonense, nasceu em 4 de fevereiro de 1981. Embora tenha se formado em Direito, na Universidade Federal do Amazonas, deixou as Leis e passou a se dedicar às Letras, logo após o nascimento de seu primeiro filho. É casada com Giovanni Falabella Scotti e mãe de Daniel Benayon Reis Scotti e Noah Benayon Reis Scotti. Formou-se em Direito pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas). Tem mais de 12 obras publicadas. As primeiras voltam-se ao público infantil, outras abordam temáticas variadas, quer em contos, crônicas, poesias e romances. No conto “Terra Prometida” do livro de contos *Éden tártaro*, em formato e-book, e no romance *Terra úmida* (2021), tematiza-se a presença judaica na Amazônia. Alguns de seus livros publicados são: “O menino que só queria comer tomate” (2015), “O menino que não queria dormir sozinho” (2017), “Quando meu irmão vai embora?” (2017), “A língua que enlaça também fere” (2018), “Mulheres chovem” (2020), “Mãe no país das maravilhas” (2018), “Éden tártaro” (2018), “Desculpa por não conseguir dizer isso antes” (2018), “Diário mágico” (2019), “Quem chamarei de lar?” (2019), “Terra úmida” (2021).

2. ESCRITORES DESCENDENTES DE JUDEUS



PAULO HERBAN MACIEL JACOB¹⁷

Rastros de antissemitismo em *Um pedaço de lua caía na mata* de Paulo Jacob

Aldilene Lopes de Moraes

Paulo Herban Maciel Jacob nasceu em Manaus, em 1921. Seu pai foi um judeu marroquino sefardita que imigrou para a Amazônia. Em seus romances, Jacob apresenta ricas descrições sobre a vida peculiar em terras amazônicas. Nos romances *Chuva Branca* (1981) e *Um pedaço de lua caía na mata* (1990), é evidenciada a temática dos judeus sefarditas nessas terras. Em *Chuva Branca*, há a primeira menção a Salomão, personagem judeu, dono de um pequeno comércio na cidade de Parintins, cuja história será desenvolvida em *Um pedaço de lua caía na mata*.

Jacob, neste romance, apresenta a história de uma família de judeus sefarditas, estabelecida em Parintins, no Amazonas, que é composta por Salomão, o patriarca, Sara, sua esposa, Jacó e Raquel, seus filhos. Como já evidenciado em outra ocasião:

Salomão, como um tradicional patriarca, procura a todo custo preservar sua religião e costumes. Assim, ele busca maneiras para que seus filhos conheçam o judaísmo. Apesar de estar distante de sua terra natal, não poupa esforços de ensinar a seu filho sobre o que prega a Torah. No entanto, sua família, composta por Sara, sua esposa e Jacó e Raquel, seus filhos, passa por diversas situações de preconceito por conta da condição de seu judaísmo. (MORAIS, 2020, p. 147).

Salomão, apesar de sofrer por estar distante de sua terra natal, não poupa esforços para passar aos seus filhos os ensinamentos da Torah, assim como busca dialogar com uma grande parte das pessoas de Parintins, como uma forma de integrar-se à comunidade. Ele não quer ser visto apenas como um judeu estereotipado, como era prática de muitos que o referenciavam com um tom pejorativo.

Pelo fato de ter um comércio, Salomão carrega o estigma de judeu “ladrão”. Além disso, segundo uma tradição antissemita religiosa, na narrativa, havia os que acusavam os judeus de terem matado Cristo. Para diminuir a má fama e com o intuito de ser estimado pela comunidade em geral,

¹⁷ Imagem retirada do site: <https://almaacreana.blogspot.com/2018/12/paulo-jacob-uma-fortuna-critica.html>.

Salomão presta ajuda financeira à paróquia da igreja e procura ter boas relações com as autoridades do lugar. Apesar desses esforços, ainda passa por uma infinidade de situações vexatórias.

Na juventude, Salomão enamora-se de Janoca, uma moça da região. No entanto, a família da jovem não aceita o romance, afastando o casal apaixonado. Por conta da tradição judaica de não querer abandonar seus princípios, Salomão casa-se com a judia Sara e constitui uma família. Mas Salomão nunca esqueceu a “Janoca, o amor de judeu”, considerando “Sara, a mulher necessária” (JACOB, 1990, p. 26).

O romance mostra os infortúnios do judeu Salomão na Amazônia, pois como já salientou Samuel Benchimol (2008, p. 175), “é muito difícil ser, viver e ficar judeu em qualquer parte do mundo e, sobretudo, na Amazônia” (BENCHIMOL, 2008, p. 175). E não somente isso, vemos como ele consegue driblar muitas desventuras, apesar de ter alguns bons resultados em suas empreitadas, a exemplo da missão de educar seus filhos, tanto na educação secular como nos ensinamentos da Torah.

Paulo Jacob cursou Direito pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desempenhou a profissão na magistratura em diversas cidades do interior do estado. Desenvolveu atividades como professor e pesquisador, atuando por dez anos como professor na Universidade do Amazonas.

Referências

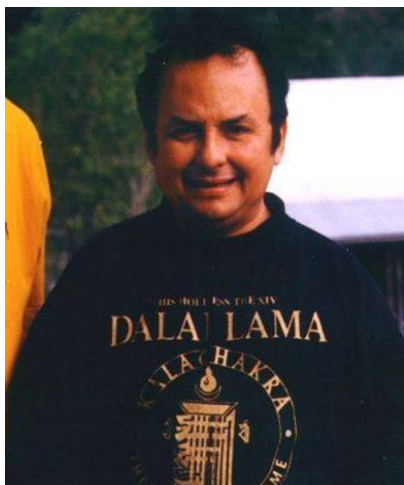
BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.
JACOB, Paulo. *Um pedaço de lua caía na mata*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.

MORAIS, Aldilene Lopes de. O antissemitismo nas obras *Uma grande mancha de sol* e em *Um pedaço de lua caía na mata*. In: CONDE-SILVA, Alessandra F. BENCHIMOL, Silvia. *Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia*. Rio de Janeiro, RJ: Talu Cultural, 2020.

Biografia

Paulo Herban Maciel Jacob, filho de judeu sefardita marroquino, nasceu em Manaus. O escritor não professava a religião judaica, mas declarou a sua origem. Retrata em *Chuva Branca* (1981) e *Um pedaço de lua caía na mata* (1990) a presença dos sefarditas na Amazônia, sobretudo, no segundo romance. Paulo Jacob produziu extensa produção literária que se volta, muitas vezes, à diversidade dos povos da Amazônia, como o caboclo, o nordestino, o árabe e o judeu. Cursou Direito pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desempenhou a profissão na magistratura em diversas cidades do interior do

Estado. Desenvolveu atividades como professor e pesquisador, atuando por dez anos como professor na Universidade do Amazonas. Escreveu ainda os seguintes romances: *Muralha verde* (1964), *Andirá* (1965), *Chuva branca* (1968), *Dos ditos passados nos cercados do Cassianã* (1969), *Chãos de Maíconã* (1974), *Vila rica das queimadas* (1976), *Estirão e mundo* (1979), *A noite cobria o rio caminhando* (1983), *Dicionário da língua popular da Amazônia* (1985), *O gaiola tirante rumo do rio da borracha* (1987), *Um pedaço de lua caía na mata* (1990), *O coração da mata, dos rios, dos igarapés e dos igapós morrendo* (1991), *Amazonas, remansos, rebojos e banzeiros* (1995), *Assim contavam os velhos índios ianônãmes* (1995), *Tempos infinitos* (2004).



ROGEL SAMUEL¹⁸

Vida e Arte em Rogel Samuel

Angélica da Silva Pinheiro

Rogel Samuel nasceu no dia dois de janeiro de 1943, na cidade de Manaus, Amazonas. É autor dos romances *O Amante das Amazonas* (1992) e *Teatro Amazonas* (2012). Levou dez anos para escrever o seu primeiro romance, tendo em mente a história do avô judeu alsaciano e suas vivências na mata e nos rios da Amazônia. O avô Maurice Samuel, a quem Rogel não chegou a conhecer, relatando dele saber pouco, foi comerciante da borracha, dono de uma embarcação que rasgava os rios amazônicos, levando e trazendo borracha. Em *O amante das Amazonas*, ele cita o avô como um grande exportador. Segundo Alessandra F. Conde da Silva,

no livro de Rogel há uma referência ao avô, mas não há referências à sua condição judaica. É na história da fabricação do livro que se veem os ecos judaicos. Na capa do livro há fotos da embarcação “Adamastor” de propriedade de Maurice Samuel. As memórias emotivas, familiares, surgem como imagens ainda que em ruínas. São elas que ajudaram Rogel Samuel a contar uma história amazônica. (CONDE-SILVA, 2021, p. 6-7).

O escritor soube de suas raízes judaicas, mas não buscou aprofundar-se na tradição de seu avô. Como aponta Alessandra F. Conde da Silva, “são em textos não ficcionais que [...] Rogel Samuel assevera o conhecimento da sua ascendência judaica” (CONDE-SILVA, 2021, p. 10). Lendo o *Eretz Amazônia* de Samuel Benchimol, ele encontrou o nome do avô ao lado do nome de outros judeus, grandes empreendedores no ciclo da borracha, conforme relatos pessoais:

Li “Eretz Amazônia – os judeus na Amazônia”, de Samuel Benchimol, para encontrar-me.

Minhas raízes judaicas.

Quando eu era jovem, na faculdade, aqui no Rio de Janeiro, meu apelido era “Judeu errante”.

Nem sei por quê.

O livro me foi enviado por uma grande amiga. Li-o com avidez, leitura fácil, agradável, Samuel Benchimol (1924-2002) era um bom escritor, além de pesquisador cultíssimo e professor catedrático.

Eu já o tinha muito lido, principalmente aquele seu extraordinário “Amazônia”, que amplamente usei na construção do meu romance “O amante das Amazonas”.

¹⁸ Imagem retirada do site: <https://www.facebook.com/rogel.samuel>.

E o conheci de vista, quando ele ainda morava na Rua 10 de julho, e jogava xadrez no “Luso” com meu irmão.

Li “Eretz Amazônia” para encontrar-me, ainda que não seja judeu, mas neto de judeu. Só é judeu filho de mãe judia, ou aquele que se converteu.

Minha amiga e escritora Bella Josef (1926-1910) um dia me convidou para aderir ao grupo, mas eu agradei, estou muito velho para mudar.

E encontrei ali o meu avô Maurice Samuel em vários lugares do livro, principalmente no “Boom do ciclo da Borracha”, da página 117, ao lado dos Levy, dos Kahn etc., homens empreendedores e muito ricos, todos franceses e alsacianos, como meu avô (Marius & Levy edificaram o edifício dos Correios, na esquina da Av. Eduardo Ribeiro o mais alto da cidade).

O escritório de meu avô ficava na rua Marcílio Dias, onde hoje está o Hotel Amazonas.

Ficava lá. E no meu coração.

Ele era dono do navio Adamastor, cuja figura se encontra no meu livro.

Faleceu na pobreza, no ano em que nasci: 1943.¹⁹

Rogel Samuel é professor, pesquisador, escritor e analista literário. Seu romance *O amante das amazonas* (1992) possui estrutura de romance policial, conduzindo o leitor a história do palácio Manixi de Pierre Bataillon, no meio da floresta amazônica, e ao misterioso desaparecimento de seu filho, José Bataillon. O tempo da narrativa desdobra-se entre o apogeu e a decadência da borracha em Manaus, mostrando duas faces da história do ciclo da borracha que se colidem, mas se entrecruzam no romance. A selva e o luxo, a pobreza e a riqueza assentam-se na imagem de um palácio no meio da densa floresta. Segundo Alessandra F. Conde da Silva,

a história de *O amante das amazonas* não é sobre a família Samuel. A obra fala do apogeu e da decadência do Ciclo da Borracha. A vida de Pierre Bataillon, o luxo do Palácio Manixi e a vida na exuberante floresta encantam, mas ao mesmo tempo contrapõem-se à cultura indígena subjugada, ao seringueiro oprimido, às mulheres violentadas e às agruras e selvagerias da floresta e dos rios amazônicos. Além disso, a decaimento dos trabalhos e das fortunas dos grandes exportadores, as falências dos comerciantes expõem um outro lado na história de oprimidos e opressores. Os reveses da vida colocam alguns personagens à prova. A narrativa é cheia de mistérios e encantamentos, como só um palácio emaranhado por uma densa floresta pode sê-lo. (CONDE-SILVA, 2021, p. 7-8).

Seu segundo romance, *O Teatro Amazonas*, “um dos maiores e mais belos teatros do mundo, construído em plena selva amazônica”²⁰, foi publicado em 2012, atualmente está disponível em seu blog, assim como outros romances, poemas e crônicas. A ficção histórica tematiza a construção

¹⁹ Este relato de Rogel Samuel está disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2012/01/os-judeus-na-amazonia.html>.

²⁰ Trecho retirado de comentários de Rogel Samuel sobre o romance *O Teatro Amazonas*. Disponível no blog do autor: <https://literaturarogelsamuel.blogspot.com/search?q=teatro+amazonas>.

requintada de um teatro de ópera na Paris dos Trópicos. A cidade de Manaus, suas gentes e sua cultura, no final do século XIX e início do século XX, é o cenário em que serão apresentados os bastidores políticos da construção do monumental teatro. É nessa ambiência que se procura descobrir o autor da morte de Eduardo Ribeiro, ex-governador do Estado, durante a *Belle époque* de Manaus.

O escritor amazônico ainda mantém o exercício da escrita. Publica em seu blog poemas, crônicas e romances. As histórias de seus descendentes nutrem a imaginação do escritor e podem ser percebidas em alguns de seus relatos memorialísticos.

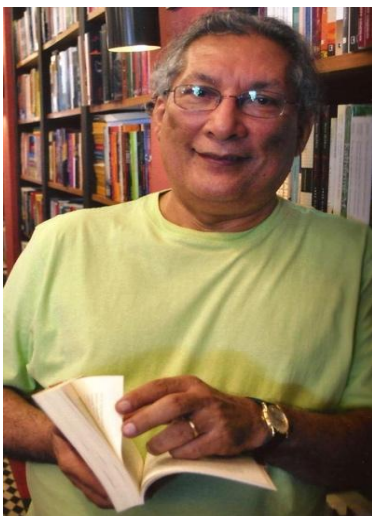
Referências

CONDE-SILVA, Alessandra F. *Dois escritores descendentes de judeus sefarditas na Amazônia: Márcio Souza e Rogel Samuel*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 15, n. 28, maio de 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/36533>. Acesso em: 02 de dez. 2022.

SAMUEL, Rogel. *Os judeus na Amazônia*. Disponível em: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2012/01/os-judeus-na-amazonia.html>. Acesso em: 23 dez. 2022.

Biografia

Rogel Samuel nasceu no dia 02 de janeiro de 1943, em Manaus. É neto de Maurice Samuel, um francês judeu alsaciano que imigrou para a Amazônia, foi dono do navio *Adamastor* e exportador de borracha. O avô de Rogel se casou com uma índia peruana que no sobrenome carregava descendência espanhola, Antonia Cellis. Rogel Samuel viveu a infância e a adolescência na capital manauara (AM) e, a partir de 1961, radicou-se no Rio de Janeiro (RJ). A vocação literária despontou na adolescência, época em que seus versos foram publicados em *O jornal* de Manaus, em 1959. Na “cidade maravilhosa”, cursou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Teve, em sua formação, professores como Mattoso Câmara, Afrânio Coutinho e Anísio Teixeira. Mais tarde, tornou-se Professor Adjunto na mesma Instituição. Atualmente, é professor aposentado. O poeta, escritor, webjornalista e colunista é também sócio correspondente da Academia Amazonense de Letras. Em sua carreira de escritor publicou algumas obras, dentre elas: *Crítica da Escrita* (1979); *Manual de Teoria Literária* (1985); *Literatura Básica* (1985); *O que é Teolít?* (1986); *120 Poemas* (1991); *Novo Manual da Teoria Literária* (2011); *Fios de luz, aromas vivos: leitura de “Retrato de Mão”, de Jorge Tufic* (2012); *Modernas Teorias Literárias: Breve introdução* (2014); os romances *O amante das amazonas* (2005) e *Teatro Amazonas* (2012), além de artigos publicados em jornais e revistas.



SALOMÃO LARÊDO²¹

O homem que sou

Salomão Larêdo

Nasci dia 23 de abril, às quatro horas da manhã, na Vila do Carmo, município de Cametá. O rio Tocantins que passa na frente de nossa casa estava na maré enchente. Sou o terceiro filho de Milton e Maria do Carmo Larêdo. A origem de minha família é pobre. Meus avós são filhos do hebraico Jacob Bensabath Larêdo, judeu sefardita marroquino que morreu cedo, aos 55 anos, no dia 21 de fevereiro de 1893. A mãe deles, Tereza de Jesus da Costa, natural da Vila do Carmo, perdeu todos os bens e eles tiveram que começar a vida na lavoura, fazendo roça. Minha avó materna é filha de negros africanos cuja família miscigenou com índios tupinambá. Vila do Carmo era uma comunidade pequena, mas unida e por isso toda a nossa comunidade, parentes e amigos, foram à nossa modesta casa, de madeira, erguida na frente do majestoso e lindo rio Tocantins, alegrar-se e comemorar o nascimento do Rei Salomão.

Meu pai fez o meu registro no cartório da Vila. Minha mãe queria que meu nome fosse Jorge e meu pai, Salomão. Num acordo, o nome ficaria: Jorge Salomão ou Salomão Jorge Larêdo y Larêdo. Meu pai, prático, registrou apenas Salomão Larêdo. Minha mãe guardou meu umbigo e depois do resguardo de quarenta dias, me deu um banho especial com as ervas, matos e folhagens cheirosas de nosso lugar, a região Amazônica.

Desde o ventre materno eu recebi o carinho e o afeto dos meus pais e escutava deles, das minhas irmãs Adalcinda, Ocirema e Zuzu (José e Abrão, os meus irmãos caçulas, formam, comigo, os filhos do Milton e da Lady Larêdo), dos meus avós, tios e tias, parentes, familiares, amigas, muitas histórias e narrativas populares que continuo ouvindo, sobretudo as do boto que faziam festa no rio, na frente de casa e que eu sempre gostei de ver e ouvir, por isso a fala, o sotaque, o dialeto, o cotidiano popular, o povão, os excluídos, os marginalizados, o lendário e o imaginário de minha região são temas permanentes – sina e fado – do meu fazer literário, pois em minha formação – raiz cultural – convivi com pajelanças, credices, com a liturgia católica, com o imaginário religioso, com as águas, defumações, banhos, o sincretismo, a mitologia, visagens, maldições, matintaperera, cupelubo,

²¹ Imagem e texto enviados pelo escritor Salomão Larêdo.

lobisomem, curupira, boiúna, cobra grande, índios, prostitutas, arraial negro, vivendo um cotidiano místico e mágico entre cuias pitingas, preamares, preparados, beberagens, banguês, samba de cacete, ladainhas, emplastos, reimosos – feitiços – vindicás, tajás, assombrações, superstições, amuletos, mundo simbólico de que se serve o povo da sociedade amazônica para explicar-se tão sedutor, sensual, dançante, amoroso e misterioso.

Biografia

Salomão Larêdo nasceu em Vila do Carmo (Cametá), Pará, às 4 horas da manhã da sexta-feira, 23 de abril do ano de 1949, numa casa que fica de frente para o rio Tocantins que nessa hora estava na maré enchente. Seus pais: Milton Larêdo e Maria do Carmo Larêdo. Casado com a Sra. Maria Lygia Nassar Larêdo, advogada, designer. Filho: Filipe Nassar Larêdo, bacharel em direito, editor, escritor. Salomão fez o curso de Direito na Universidade Federal do Pará e trabalhou na Prefeitura Municipal de Belém, onde exerceu inúmeras funções de direção e assessoramento superior, diretor geral de pessoal, consultor jurídico da Secretaria Municipal de Saúde e Meio-Ambiente (Sesma), diretor-geral da Secretaria Municipal de Administração, entre outras exercidas no órgão, de onde hoje está aposentado. Salomão Larêdo é advogado, escritor e jornalista. É editor e produtor cultural. Intimorato e intemerato defensor da cultura e do homem da Amazônia. É autor de mais de cinquenta livros. Dentre os mais recentes, destacam-se: *Olbo de Boto* (2015), *As Icamíabas – Lenda das Amazonas - Paíz das Pedras Verdes – romance de mulheres guerreiras sem marido e seus muiiraquitãs* (2017), *Antônia Cudefacho* (2019), *Pedral Canal do Inferno* (2021), *Vila do Carmo - As vilas da Vila do Carmo Cametaense* (2022), *Putiri - mitopoética* (2022).

3. ESCRITORES NÃO-JUDEUS



SANDRA GODINHO²²

Amazônia, um cadinho de culturas diversas em *Terra da Promissão*

Sandra Godinho

Um escritor busca em sua realidade os elementos vitais que serão ressignificados e ficcionalizados em uma obra literária. Com *Terra da Promissão*, esse processo não foi diferente. Não é possível fugir ao fato: é na percepção de si e dos outros que se encerra a busca por conflitos humanos retratados em uma grande narrativa. E que só se torna grande na medida em que faz reverberar a essência humana.

A amizade da minha caçula com sua colega judia, ainda no ensino médio, fez nossa família se aproximar de conceitos e de uma visão de mundo distinta. Em pouco tempo, ela (minha filha) frequentava a sinagoga, respeitava o Shabat, comia o pão ázimo. A hansa ficou tatuada em suas costas, olhos-gregos adornavam nossa sala para proteção e, assim, a cultura judaica entrou em minha vida. Adotei Samantha como filha, tal nosso bem-querer. E suas irmãs, por extensão. Ao morrer seu avô, um ilustre empresário de Manaus, percebi o quanto era respeitado, não só pelas autoridades, pelo tanto de benefício deixado, em termos de empregos e de desenvolvimento.

Ainda na cerimônia fúnebre, veio-me a ideia de resgatar, na ficção, o legado deixado pelo patriarca tal qual Milton Hatoum fez com os libaneses. Resgatar esse patrimônio cultural que remonta seus antepassados se tornou minha primeira preocupação. Abordar a questão da identidade de quem vive em diáspora foi outra. Debrucei-me nas obras de Samuel Benchimol, um de seus primos, mantendo-me aberta às influências da religião, da culinária, da busca pela sobrevivência, do equilíbrio entre ser judeu e ser judeu em terra estranha. Tentei criar o personagem Isaac Levy como um empreendedor nato, no intuito de resgatar a figura do avô morto e do tanto que fez pela comunidade, pelos seus familiares, pela cultura judaica e por sua preservação. Foi uma honra inenarrável investigar a imigração dos judeus sefarditas e resgatar a formação da sociedade manauara com esse cadinho de culturas diversas, pois é esse exercício de Alteridade que nos completa, que nos fomenta a empatia,

²² Imagem retirada do site: <https://www.facebook.com/sandra.godinhogoncalves>.

sem preconceitos e sem julgamentos. É esse pulsar de memórias que nos resgata a dignidade e o pertencimento à raça humana como deve ser.

Biografia

Sandra Godinho, nascida em 27 de julho de 1960, em São Paulo, é graduada e Mestre em Letras. Já participou de várias coletâneas e antologias de contos, sendo agraciada com alguns prêmios. É membro número 78 da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB). Publicou *O Poder da Fé* (2016); *Olho a Olho com a Medusa* (2017); *Orelha Lavada, Infância Roubada* (2018), obra agraciada com Menção Honrosa no 60º Prêmio Literário Casa de Las Américas (2019); *O Verso do Reverso* (2019), obra que ganhou o Prêmio de Melhor livro de contos regional da Cidade de Manaus; *Terra da Promissão* (2019); *As Três Faces da Sombra* (2020); *Tocaia do Norte* (2020), romance agraciado com o Prêmio Cidade de Manaus, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2021; *Sonho Negro* (2021); *A Morte é a promessa de algum fim* (2020), romance agraciado com o Prêmio Cidade de Manaus (2021), também vencedor do Prêmio Focus Brasil NY/AILB de 2022; *Estranha entre nós* (2022); *Memórias de uma mulher morta* (inédito) foi finalista do Prêmio Leya 2021; *A Secura dos Ossos* foi finalista do Prêmio Leya 2022.

Sobre os autores

Alessandra Conde

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Estágio pós-doutoral (2021-2022) sobre os escritores judeus na Amazônia, sob a supervisão da Profa. Dra. Lyslei Nascimento, do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará, vinculada à Faculdade de Letras (FALE) do Campus de Bragança, PA. Coordenadora do projeto de pesquisa “Ecos sefarditas: judeus na Amazônia” e do “Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia” (NESA). Professora dos Programas de Pós-graduação PPGL (Pós-graduação em Letras) e PPLSA (Pós-graduação em Linguagens de Saberes na Amazônia).

Aldilene Lopes de Moraes

Graduada em Letras Língua Portuguesa (UFPA) e em História (UFPA). Especialista em Linguagens e Culturas na Amazônia (UFPA). Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA), na linha de pesquisa “Leitura e Tradução Cultural”. Pesquisadora no projeto “Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia” e do “Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia” (NESA).

Angélica da Silva Pinheiro

Graduada em Letras Língua Portuguesa (UFPA). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA). Integrante do projeto de pesquisa “Ecos sefarditas: Judeus na Amazônia” e do “Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia” (NESA).

Elias Salgado

Pós-graduado em História pelo Melton Centre - Hebrew University of Jerusalem. É pesquisador, especialista em Judeus na Amazônia. Associado do NIEJ - Núcleo de Estudos Judaicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Diretor Executivo do Portal e Arquivo Histórico Amazônia Judaica.

Libna Keite da Silva Gama

Graduada em Letras Língua Portuguesa (UFPA). Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA). Integrante do projeto de pesquisa “Ecos sefarditas: Judeus na Amazônia” e do “Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia” (NESA).

Myriam Scotti

Graduada em Direito pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É autora de mais de 12 livros, entre eles, o romance *Terra Úmida* (2021). Mestranda do Programa de Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Salomão Larêdo

Salomão Larêdo é advogado, escritor e jornalista. É editor e produtor cultural. Intimorato e intemerato defensor da cultura e do homem da Amazônia. É autor de mais de cinquenta livros, entre eles, *As Icamíabas – Lenda das Amazonas - Paíz das Pedras Verdes – romance de mulheres guerreiras sem marido e seus muiiraquitãs* (2017).

Sandra Godinho

Graduada em Letras - Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Sociolinguística e Dialetologia pelo Programa de Pós-graduação de Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É autora, entre outras obras, do romance *Terra da Promissão* (2019).

Thiago Machado

Graduando do curso de Letras Língua Portuguesa (UFPA). Participa dos projetos de pesquisa “Línguas Indígenas e o Português na Amazônia Oriental: Contato Linguístico, educação e tradução”, coordenado pela professora Dra. Tabita Fernandes da Silva, e do projeto “Ecos Sefarditas: Judeus na Amazônia”, coordenado pela profa. Dra. Alessandra Fabrícia Conde da Silva. Integra, também, o “Núcleo de Estudos Sefarditas na Amazônia” (NESA).

Catalog of Amazonian Jewish writers

Publishing Committee

Ana Lilia Rocha - UFPA

Benedito Ubiratan de Sousa Pinheiro Junior - UFPA

Lyslei Nascimento - UFMG

Norival Bottos Junior - UFAM

Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa - UFPA

Sérgio Wellington Freire Chaves - UFPA

Silvia Helena Benchimol-Barros - UFPA / POET

Suzana Yolanda Lenhardt Machado Cánovas - UFG

Tânia Maria Sarmiento-Pantoja - UFPA

Portuguese revision: Maria da Conceição Azevêdo

Portuguese-English translation revision: Silvia Benchimol

Translation [Portuguese-English]:

Silvia Helena Benchimol-Barros

Ewerton Branco

Ma. Annarry Tavares

Presentation

The Jewish-Moroccan presence in the Amazon can be traced back to the first decades of the 19th century. With diverse social, cultural and economic contributions, Moroccan Jews and their descendants, children of two cultures, placed in a “neither there, nor here”, as referred by Célia Igel Teitelbaum, have also helped to consubstantiate the literature of the region.

Many of the Jewish writers mentioned in this catalog are still unknown to the reading public. Some, like Ilko Minev and Myriam Scotti, have recently attracted the attention of the book media. This catalog intends to foster the visibility of writers, who adopted the Jewish theme for their literary productions, within the academic scope. To that end, we present three categories of writers: *Jews*, *Jews descendants*, and *non-Jews who embraced the theme of the Jewish presence* in the Amazon. Renowned writers on the national literary scene, such as Dalcídio Jurandir, Milton Hatoum and Márcio Souza, were not part of this catalogue, even though they have signed novels and theatrical plays with Jewish characters or themes. Our decision was to strive to give prominence to writers who have not yet achieved greater notoriety in the academy scene.

This bilingual catalog features three types of textual genres: a small biographical entry for each writer, reviews of selected works and autobiographical texts signed by some of the writers covered by this academic initiative. We believe this configuration will lead the reader into discovery of poems and narratives that allude to the Jewish presence in the Amazon. This work was produced within the scope of the Research Group Nucleus of Sephardic Studies in the Amazon (NESA) as an action of the Research Project "Sephardic Echoes: Jews in the Amazon", developed at the Faculty of Letters from the Federal University of Pará – campus of Bragança - Pará.

We hope this material will serve as a reliable basis for undergraduate and graduate students and researchers. For this purpose, we count on the participation of undergraduate and graduate students in the full process of elaboration and organization of this catalogue. We thank the Federal University of Pará, the research projects that have collaborated with us, underpinning our actions [ET-MULTI, GEPELF, PROLIPAM], to the Professors Maria da Conceição Azevêdo (UFPA), Lyslei Nascimento (UFMG) and Tabita Fernandes da Silva (UFPA), for their enriching contributions and support.

Organizers

Preface

Regina Igel
Translated by Silvia Benchimol

This Catalog presents brief biographies and bibliographies of some of the Amazonian Jewish and non-Jewish writers. Some of them are recognized authors (and even appear prominently, for many weeks, on lists of the most read authors in newspapers and weekly publications), others are less known to the Brazilian public. All of them, however, present themselves as writers by virtue of their immense desire to share what they have lived and imagined, transporting their memories and fiction to the literary scenery. Their contributions are very significant in the field of literature in the Brazilian Amazon region.

Moved by the purpose of getting to know them better, this Catalog is conceived. It will immensely facilitate the present and future studies of university and independent researchers, in their immersion into the Jewish writers universe within the Amazon region.

In part, the literary paths are or have been explored by people born and raised in the living spaces of the forest – people who felt, at a certain stage of their lives, the need to access the realm of letters, transcribing in short stories, novels, chronicles and poetry their talent for writing. Among them, we also come across a painter, whose stylized images are almost verbal, such is the precision that the accurate look and the brush, together, were able to transcribe to the canvas. These creative people allow readers to apprehend more of that dense world, covered by the involving mysteries that enrich the Amazonian folklore and the real stories they have experienced.

Over centuries, inhabitants of other Brazilian areas imagined that the Amazon region, opulent in trees, animals, flowers, fruits, rivers and *igarapés*, was an inhospitable place, aggressive, indomitable, abundant in diseases and quick-killing fevers. This is not a lie after all, not a myth either. The Amazon rainforest is, indeed, inhabited by animals, bathed by immense and turbulent rivers, and, in fact, holds the perennial status of 'wonder'; one that amplifies human imagination. Countless chroniclers have penetrated into the forest since colonial times and registered the luxury of the flora and fauna, as well as the fevers and 'tropical diseases' that exterminate the lives of those who ventured into its denseness. And not only adventurers got into the forest. The great versatility of the 'green hell' – as the Amazon jungle used to be referred to – has always attracted scientists, pharmacologists, doctors, biologists, indigenists, as well as artists (pianists, singers, actors, painters) and, in contemporary times, journalists and filmmakers have increased this list.

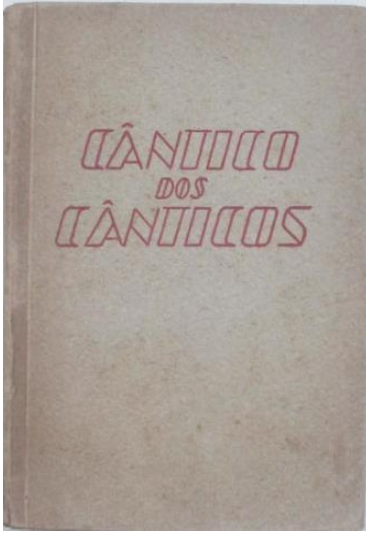
The cataloged writers, most of them born in the Amazonian territory, have diversified biographies. Not all of them have dedicated themselves to writing as a priority. Some used to have other professions or occupations before becoming writers. Most of them are descendants of Moroccan Jews who immigrated to the Amazon region, where they raised their families in the last two centuries. Their descendants, born, raised and educated in Brazil, began to describe – by recollecting memories from personal experiences and from stories they were told – the Jewish life in the forest environment, the legacy of their parents and grandparents and their conviviality with those who, like themselves, gave their contribution to the regional transformation and progress.

Quite isolated from the rest of Brazil, many of those born in Pará, Amazonas, Acre, Roraima and other neighboring corners, Jews men and women turned into writers, not only because they felt the need to express their feelings in relation to the environment, but also to tell what it is like to follow and comply with Judaism and its precepts in places like the Amazon – a region where, for a long time, there weren't even enough people to make the Jewish prayers, as some of them require the minimum presence of ten men to start – or food ingredients in compliance with the Jewish religious doctrine.

Jewish writers, fictionists, poets? Yes, there is a growing wave of such literati in the Brazilian Amazon. Due to several factors, such as the printing of few books, the little reach of publishers in the bookstore distribution sector, or the distance from large urban centers, these authors are not as visible as they should, despite their excellent fiction production. So, as a means of presentation or representation, readers will get to know the writers: José Benedicto Cohen (1872-1933), Sultana Levy Rosenblatt (1910-2007), Mady Benoliel Benzecry (painter, 1933-2003), Leão Pacífico Esaguy (1917 - 2010), Marcos Serruya (1947-2010), Samuel Bechimol (1923-2022), Ilko Minev (1946 -), Elias Salgado (1958 -), Myriam Scotti (1981 -), Paulo Jacob (1921- 2004), Rogel Samuel (1943 -), Salomão Laredo (1939 -) Sandra Godinho (1960 -). In this Catalog, their works are listed and informative elements about their activities in the Amazon are presented.

Essential. Indispensable. These are just two of the many positive adjectives that could translate the value of this Catalog for researchers of Amazonian Jewish Brazilian literature and readers in general. The names on it are expressive as talented pioneers who opened trails to be traveled and multiplied by others that come later. It is worthwhile saying that the names included in this Catalog are part of a larger contingent of writers of Jewish origin who were born or immigrated to the Amazon region. Little by little the Catalog will expand, as our literary values continue to emerge.

1. JEWISH WRITERS



JOSÉ BENEDICTO COHEN²³

The small bestiary by José Benedicto Cohen in the pages
of *A Columna*

Thiago Machado
Translated by Silvia Benchimol

Bachelor of Laws, dentist, journalist, teacher and translator. These are some of the professional assignments and qualifications that José Benedicto Cohen, a Moroccan Jew, had throughout his life. Born on December 31, 1872, Cohen immigrated to Pará at a young age with his father, who settled residence in Itacoatiara, in the state of Amazonas.

José Benedicto Cohen, in addition to his varied practical expertise, was also a storyteller, essayist and poet.

Many of his fictional works were published in the newspapers where he worked, for example, at *A Columna* in the Zionist newspaper (in Rio de Janeiro), founded by Davi José Pérez and Álvaro de Castilho, and at *O Malho*. In some of these literary productions, we find his signature with the acronym JOBECO, (the first couple of letters of his name). During 1916 and 1917, he maintained an active production rhythm in the newspaper *A Columna*, where, among the published poems, there are a true bestiary marked by the acidity and mordacity with which he viewed and represented the people of his time.

Out of this bestiary, monkeys, ferrets and herons jump into life. In March 1917, in the newspaper *A Columna*, Cohen's first sonnet appears with a bird in the title. The creature in tribute is a heron "A Garça". In the poem, the lyrical self describes the bird with an "immaculate whiteness" (COHEN cited in A COLUMNNA, 1917, p. 43), looking at itself while flying over "quiet and serene waters" (COHEN quoted in A COLUMNNA, 1917, p. 43), "the whiteness of lilies in its feathers!" (COHEN quoted in A COLUMNNA, 1917, p. 43).

This scene, in which the heron is the main character, causes the lyrical self to reflect on the past and recollected years of his life: "I too, many times, enraptured, / keep myself contemplating from the life, its extensive plot / In the overshadowed crystal of my past" (COHEN cited in A

²³ Image retrieved from the website: <https://www.traca.com.br/livro/703663/>.

COLUMNNA, 1917, p. 43). The bird's gaze in the mirror of the waters leads us to think of human reflection: "I, then, see ledas passing, in serene steps, / Like on the screen of an old cosmorama, / The infinite portion of my feathers!" (COHEN quoted in A COLUMN, 1917, p. 43).

If the reflective tone marks the sonnet "A Garça", the two other sonnets, published in the editions of July and August 1917, "Macacos" and "O Furão" respectively, bring with them the 'animal' theme to compare human attitudes to those of the animals in a playful way. In "Macacos", a poem published in *A Columnna*, the lyrical self makes fun of the proud marmosets that we – men and women are –, because we no longer have tails and wear scarves: "Cursed species is this to which I belong / One that since Adam comes defective; / collection of very proud marmosets / Because it no longer has tails and wears handkerchiefs..." (COHEN cited in A COLUMNNA, 1917, p. 94).

The voice of the poem also mocks with the supposed rationality of man, relying on its unshakable formulas and laws, with which men differ from the other animals on the planet. Skeptical of the unconditionality of these laws, the lyrical self, convicts: "Peticantropos made racionaes / Whose formulas, ready-made laws and uses, / Are lies, no longer, conventionaes!" (COHEN cited in A COLUMNNA, 1917, p. 94). And where do these so humanly striking characteristics come from? The poetic-self does not hesitate from attributing them, smilingly, since the evolution of man, or, likewise, when man ceased to be an ape: "And this comes since any jaw! / It's more or less an obtuse angle / And the tail, from a gorilla, atrophied..." (COHEN cited in A COLUMNNA, 1917, p. 94).

In the edition of August 1917, the newspaper *A Columnna* publishes the sonnet "O Furão". In this poem, the lyrical self receives the scoop, first-hand news, as they say among journalists. The way employed by the voice of the poem to describe the appearance of the person who brings the news is unique: "With the air of a gentle man he approaches / In aristocratic reverence, / Ties well the bow of his tie / He straightens his bust and swears he charish me..." (COHEN quoted in THE COLUMNNA, 1917, p. 107).

Elegant and talkative, the upstanding man speaks about any subject, be it the war, the strike or the crisis. In the middle of the conversation, as if the issue had reached a nerve point, he blurts out: "Exalts my knowledge... and then, dares // To give me the scoop, in a gentle way." (COHEN apud A COLUMNNA, 1917, p. 107). The price for the discovery is the lyrical self that reveals to us: "And I was left without a friend and, who would have imagined? – / With ten thousand reais less in my wallet" (COHEN apud A COLUMNNA, 1917, p. 107). As a journalist, Cohen himself did not shy away from the price of first-hand news.

It was also in *A Columna* that José Benedicto Cohen published, in several editions, the poem "A sulamita", a direct translation from Hebrew to Portuguese of the "Cântico dos cânticos".

José Benedicto Cohen died in January 1933, at the age of 61, being a perceptive observer of the society that surrounded him and of the role of the Jewish in Brazil.

References

COHEN, José Benedicto. "A Garça", in: *A COLUMNNA*. n. 15, Ano II, 02-03-1917.

COHEN, José Benedicto. "Macacos", in: *A COLUMNNA*. n. 19, Ano II, 06-07-1917.

COHEN, José Benedicto. "O Furão", in: *A COLUMNNA*. n. 20, Ano II, 03-08-1917.

Biography

José Benedicto Cohen was born on December 31, 1872 in Morocco. As a child, he came to Pará with his father, a rabbi. As an adult, he exercised the rabbinate in Itacoatiara, Amazonas, until 1912. During his life, he was a dentist, teacher, Bachelor of Laws, translator and journalist. In addition, he was a poet, a short story writer and an essayist. Many of his short stories and poems, as well as the translation into Portuguese of "Cântico dos Cânticos", were published in the Rio de Janeiro Zionist newspaper entitled *A Columna* and in the newspaper *O Malho*. In these periodicals, he dedicated several texts to the Zionist cause, of which he was a fervent defender. Among the works published by the author are the translation of *Cântico dos Cânticos* (1944), *A Sulamita* (1959), *Um Poeta Esquecido* (1997) and the short story book *Verdades e Fantasias* (1925). The author died on January 7, 1933 at the age of 61, in Petrópolis, Rio de Janeiro.



SULTANA LEVY ROSENBLATT²⁴

Sultana Levy Rosenblatt and the Promised Land

Thiago Machado
Translated by Silvia Benchimol

In the chronicle *Como viemos parar na Amazônia* (2000) [How did we wind up in the Amazon], published in the magazine *Morashá*, Sultana Levy Rosenblatt tells, in a few lines, how her great-grandfather, still at a young age, ended up in Amazonian lands. This story interests us as it intertwines with other ones – of men and women – who came later or who, being here, bequeathed to posterity a great kinship that made Brazil, in the late 19th century, the “Promised Land” (ROSENBLATT, 2000, s/p). As the novelist from Pará reports:

Brazil, at this point, was a kind of Promised Land. A country with huge areas and scarce population, which attracted immigrants with liberal promises sustained by a law that did not take into account people’s creed or nationality, as long as the race was white. Thus, Moroccan Jews, considered white immigrants, set sail for the Amazon region hoping to find the “El Dorado”. Freedom, above all, religious freedom, and maybe gold gushing out of the ground. This fascinating dream soon disappeared when they realized that they had just moved from purgatory to hell. (The Amazon rainforest is poetically called “Green Hell”). (ROSENBLATT, 2000, s/p).

Confident in the freedom that Brazil bestowed on Jews, many were those who immigrated to the country and found the Amazon region to be a welcoming place. In regard to this transfer movement, Sultana reveals profound gratefulness for the courage of her grandparents, especially grandmother Belízia’s, for her own existence:

I wouldn't be here now if it weren't for my grandmother Belizia's decision to marry David Benoliel at the age of 13. It was a happy union that lasted beyond the golden wedding anniversary and gave rise to several children, including Esther, my mother. In her youth, Esther was considered one of the most beautiful girls in Belém. She was 18 when she married Eliezer, the only son of Moysés and Hália Levy, the most attractive and desirable bachelor (at 24 years old!) in the city of Belém. They got married in the city of Cameté, on March 21st, 1900. (ROSENBLATT, 2000, s/p).

From Esther's union with Eliezer Levy, in 1910, in Belém - Pará, the writer Sultana Levy Rosenblatt was born. Sultana Rosenblatt presents a vast literary production, which includes novels,

²⁴ Image retrieved from the website: https://en.wikipedia.org/wiki/Sultana_Levy_Rosenblatt.

plays, short stories, chronicles and essays. The biblical theme is a constant in her writings, a trait that permeates the most diverse genres, in readings and re-readings of biblical stories and motifs.

In addition to the biblical theme, the arrival of Moroccan Jewish immigrants to the Brazilian Amazon is also a significant and recurrent inspiration to the writer's work. Her most diverse types of characters receive, from the author's biographical heritage, representativeness, and so do the Amazonian landscape, customs and languages.

The novelist's marriage to the American Jew Martin Rosenblatt, meteorologist, with whom she had three children, justifies the fact that the author lived in some countries such as the United States, Honduras and Puerto Rico.

Once, in the United States, during a lecture given at the Hadassah meeting, in 1969, in Virginia, the author emphasized the importance of Brazil for the Jews, which, throughout history, has represented a place of good reception and coexistence, whereas several other countries proved inhospitable to the Jewish presence in their territories. In this text, later published in the book of essays entitled *Papéis* (1999), Sultana Rosenblatt not only highlights the importance of the country for the Jews, but also the significant contribution of these immigrants to Brazil.

At the end of the lecture, Rosenblatt explains that her people are in “Politics, Army, Medicine, Architecture, Industry, in all fields dominated by civilization and progress” (ROSENBLATT, 1999, p. 176). Furthermore, she points out that they are “Brazilians and Brazil is very proud of these children” (ROSENBLATT, 1999, 176).

References

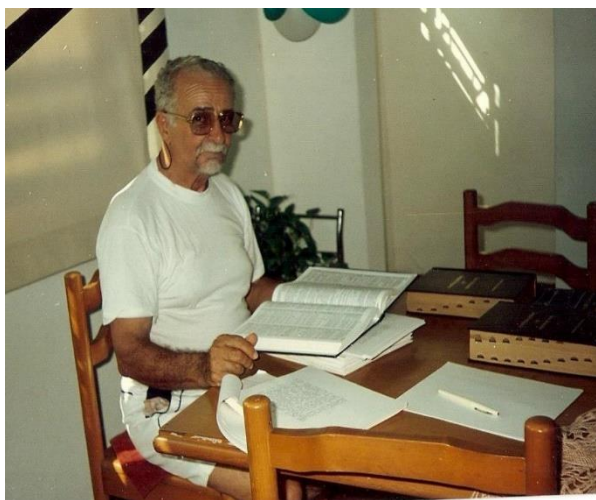
ROSENBLATT, Sultana Levy. *MORASHÁ*, 2000. Disponível em: <<https://www.morasha.com.br/brasil/como-viemos-parar-na-amazonia.html>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2022.

ROSENBLATT, Sultana Levy. Brasil, Terra da Promissão. In: ROSENBLATT, Sultana Levy. *Papéis*. Belém: Grafisa, 1999. p. 159-176.

Biography

Sultana Levy Rosenblatt was born on July 10, 1910, in Belém do Pará. Daughter of Eliezer Levy, an important politician in the Amazon region, founder of the newspaper *Kol Israel* and of Zionism in

Pará, the author comes from a traditional family in the region of Tangier, in Morocco. She married the American meteorologist Martin Rosenblatt, with whom she had three children. Due to her husband's occupation in the United States, Sultana Rosenblatt has lived in some countries, such as Honduras and Puerto Rico. The writer has a vast literary production, including novels such as *Uma grande mancha de sol* (1951); *Chavito Prieto* (1957); *Barracão* (1959); *Reviravolta* (1978)] and *As Virgens de Ipujucama* (1978); the play *A visita a sua alteza: o Sr. Príncipe* (1999); the book of essays and chronicles *Papéis* (1999); and many short stories and chronicles published in *Morashá* journal such as *As aventuras de Jonas* (2001), *David e Golias* (2002), *A história da Rainha Esther* (2002), among others. Sultana Rosenblatt passed away on March 28th, 2007, in Virginia, United States.



LEÃO PACÍFICO ESAGUY²⁵

**From the man who listened to the man
who recounted: the narratives and poems
in *Nas Noites Indormidas e Na Solitude*,
by Leão Pacífico Esaguy**

Thiago Machado
Translated by Silvia Benchimol

Leão Pacífico Esaguy was born in 1917, of the marriage of Pacífico Augusto Esaguy and the

Moroccan Jewess Mathide Macnin Esaguy, in the city of Itacoatiara, in the state of Amazonas. The parents of Leão Esaguy – the novelist to be – used to live in Portugal before coming to Brazil, specifically to the Amazon, shortly before the writer's birth. The mysteries and beauties of the Brazilian Amazon – its fauna and flora – enchanted Esaguy from the very beginning. He, thus, manifested a deep interest in the Amazonian culture, an environment bursting with inspiring themes and images for good part of his narratives and poems. Esaguy's keen and observant gaze makes the Amazonian atmosphere and the peculiarities of its people flow into his texts.

Many of his works echo traces of the Jewish culture, of the Jewish-Moroccan immigration in their new place of residence and of the process of adapting their cultural, religious and economic practices in the Amazon rainforest surroundings. Among the published books, there are works of short stories and poems, such as *Contos amazonenses* (1981), *Nas noites indormidas e na solidão* (1995), *Contos, lendas e narrativas* (undated), as well as the novels *O Aleijadinho*, in 1982 and *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste* (1999).

In the collection of short stories and poems entitled *Nas Noites Indormidas e na Solitude* (1995), one perceives a voice that gathers – in the stories seen and heard in Amazonian territories – the necessary material for the production of his literary texts. In these stories, the narrator reproduces characteristic ‘types’ of the Amazonian environment, in which he was inserted in the late 19th and 20th centuries. Rubber tappers, traders, caboclos, indigenous people or their descendants, migrants from Ceará seduced by the richness of rubber, and immigrants from different countries, including Moroccan Jews, compose the profiles of the narratives present in the collection.

²⁵ Image retrieved from the website:
http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=nej&lang=1&page=827&menu=&tipo=1.

Out of the seventeen short stories, the decisive presence of the Amazon features stands out, as if it were a prominent character. It is the rich and vast forest, with its typical men, women and cultural objects, that receives the highest praise. The dichotomy created around the narrator as a civilized man and the caboclo who lives in the dense forest in “*Caboclo! Eu te invejo*”, is nothing but an evaluative antithesis pointing in the direction of Manduca, the man who was used to living harmoniously with nature.

In addition to the people, the praises extend to the defense of freedom, with the diversity of the Amazon as proof. This is shown in the text “*Liberdade não tem côr*”, moving on to the panegyric of the sunrise and the Amazon igarapé. These scenarios are evocative and of extraordinary natural beauty from the narrator's point of view. In this way, any changes or positive progress in the region awakens pleasant dreams and childhood memories in the narrator-character, just the way it happens in “*Transamazônica...*”.

The predominance of the folklore in the imagination of local people, also finds space in the narratives collected by Esaguy, as illustrated twice when Juca-Pescador encounters the sucuriju – the big snake of Amazonian legends. Or, in the moving story of Moses – the boy with angelic traits – and his friendship with the spotted bull. At the death of the boy, the bull cries like a human, fainting with sadness after the loss of the child. Those from whom the narrator heard the story say that Moses, for endless times still, rides the spotted bull through the forest playing his flute – just like the god Pan of Greek mythology – from whom the residents ask for protection for their flocks.

In Esaguy's poems, the central themes relate to the most significant units, such as the presence of the mother's figure, the beloved woman, the nature and God. In the poem *Por quê tanta teimosia em não querer esquecer?...*, the figure of the beloved woman is attached to the mind of the poetic-self in such a vigorous way that he is able to describe the moment in which she appears to him: “In the sleepless night / And in solitude, / She arrives softly” (ESAGUY, 1995, p. 89). The title of the book emerges from these verses indicating not only the manifestation of the desired woman, but also of the entire community of beings made alive at the moment when the current stories of men and women are recounted, filling the sleepless and lonely hours.

The lyrical self does not miss the attentive perception of the reality surrounding it. This reality returns to the poem “*Mãe Preta*” – a reflection on slavery in the dialogue initiated by the wet nurse and the son of the colonial masters. In *O cão do mendigo* and in *A morte do dogo do mendigo* the characterization of the animal and the suffering of the owner reveals a conscientious look at the social relations of Brazil experienced by Esaguy, which, without many changes, is still that of today. In *A*

Pensão, the reflection becomes more poignant when various interpellations by the lyrical self to those who read it are made, a sort of provocation, inviting readers to think about the social situation in which they are immersed, thus becoming more aware of their economic and social condition.

Among the fifteen poems contained in *Nas Noites Indormidas e na Solidão*, the dilemma presented in *Os dois amores* is contudent. In an apostrophe to the Lord and his greatness, the lyrical self tries to unravel the two loves between which he is divided: on the one hand, the love for a woman; on the other, the love for the Nation “with an indigo blue sky”- Brazil (ESAGUY, 1995, p. 96). This poem is the reason why the poetic voice is divided, meditating simultaneously on the Jewish and on the Brazilian identities – specifically, the Amazonian identity: O não ser cristão / E o não ser judeu (ESAGUY, 1995, p. 95).

Although the condition of duplicity belongs to the poem's voice itself, it is, perhaps, because of it, that we are able trace the dialogue between the ‘text and the praise of the homeland’ performed in a short story, in the first part of *Nas Noites Indormidas e na Solidão* (1995). In this work, the homeland is not considered as a territorial extension, but humanized by the people that constitute it. The homeland, in the words of the narrator and, maybe, in Esaguy's own words “sois vós (homens, mulheres, crianças)” (ESAGUY, 1995, p. 78).

Leão Pacífico Esaguy, a man who intensely heard the stories of the Amazonian people and bequeathed them to posterity through his writings, died in February 2010, at the age of 92.

References

ESAGUY, Leão Pacífico. *Nas noites indormidas e na solidão*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1995.

LEÃO PACÍFICO ESAGUY. *Letras UFMG*, 2015. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=nej&lang=1&page=827&menu=&tipo=1>. Acesso em: 18 de dezembro de 2022.

Biography

Leão Pacífico Esaguy was born in 1917, of the marriage of Pacífico Augusto Esaguy and the Moroccan Jewess Mathide Macnin Esaguy, in the city of Itacoatiara, in the state of Amazonas.

Leão Pacífico Esaguy began his studies in Portugal and, soon after, he continued his school life in Manaus. He married Maria de Lourdes Esaguy, with whom he had five children. He worked for a long

time as a clerk at Banco do Brasil. He cultivated literature as a space of dialogue with the Amazon region and with his Jewish origins. Among Esaguy's literary production are the short stories and poetry books *Contos Amazonenses* (1981), *Nas Noites Indormidas e na Solidão* (1995), *Contos, lendas, narrativas* [s.d] and the novels *O Aleijadinho* (1982) and *Enxuga as lágrimas e segue o caminho que te determinaste* (1999). Leão Pacífico Esaguy died on February 4, 2010, at the age of 92.



SAMUEL BENCHIMOL²⁶

A man dedicated to the Amazon

Libna Keite da Silva Gama
Translated by Silvia Benchimol

When the issue is 'Amazon', it does not matter whether the focus is on the economic, political or social context, the work of Samuel Benchimol is mandatory. Writer, economist, scientist, professor, businessman and intellectual icon, Samuel Isaac Benchimol was born in a traditional family of Moroccan Jews, in the city of Manaus, Amazonas. The researcher devoted himself to studies about the Amazon region, considering, above all, its contribution to the social development of Brazil.

Benchimol is recognized by scholars interested in his writings as a man beyond his time, dedicated to the pursuit of knowledge and to work. He was an outstanding businessman who had a vast intellectual production, consisting of books, articles and essays. Lillian Rezende Álvares (2015) divides his works into four categories: the first one is focused on his personal life – a domain in which she addresses his entrepreneurial experience –; the second category involves the fiscal and tax policies in the Amazon – a domain related to his profession as an economist; the third category is related to his engagement to the international trading, and the fourth category encompasses his great works, those that actually conferred him with the status of scientist and specialist in the Amazon region.

Along his literary trajectory, Benchimol published thirty-two titles, of which we highlight *Romanceiro da batalha da borracha* (1992); *Amazonia: a guerra na floresta* (1992); *Navegação e transporte na Amazônia* (1995); *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia* (1998); *Amazônia: quatro visões milenaristas* (1999) and *Amazônia: formação social e cultural* (1999), which are fundamental writings for the study of the Amazon region.

Son of Moroccan Jewish immigrants, Samuel Benchimol was born in Manaus, on July 13, 1923, the same city where he died on May 7, 2022, aged 99. The Amazon region was not only Benchimol's object of study, but it was also the place where he lived rich and challenging experiences. He was just three years old when his family moved from Manaus to the middle of the forest, in the Abunã region, where his father had a rubber plantation and worked as a docker. In his work entitled *Amazônia: um*

²⁶ Image retrieved from the website:: <http://amazonia.ibict.br/samuel-isaac-benchimol/>.

pouco-antes e além-depois (2013), the scholar focuses on some memorialistic episodes of his life. He narrates his experiences in the middle of the wild Amazon forest, his family's difficulties and the fundamental role of his mother, Nina Siqueira Benchimol, so that, years later, they were able to leave the rubber plantation in search of a good education.

Benchimol became a Bachelor of Laws at Faculdade de Direito do Amazonas in 1945, received a Master's Degree in Sociology and Economics, in the United States, at Miami University, from 1946 to 1947, and a Ph.D. in Laws from Faculdade de Direito do Amazonas (1953). Parallel to his curriculum and intellectual production, Benchimol was also a member of Ordem dos Advogados do Brasil (OAB sectional Amazonas). He served as vice-president of Banco do Estado do Amazonas (1957 - 1962); director of Companhia de Petróleo da Amazônia (COPAM) - Refinaria de Petróleo de Manaus (1962 - 1968) and as director of Associação Comercial do Amazonas (1945 - 2002).

His career in teaching began in 1941, at Professor Vicente Blanco primary school. He also taught at technical education institutions and was a professor at Faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), in the city of Manaus.

Samuel Benchimol also ventured to write poems between 1942 and 1945. Some examples of this initiative are: *Versos dos Meus Verdes Anos* – a small book made up of poems and haiku, published in the biographical book by Abraham Baze –, *Samuel Benchimol: ensaio biográfico de um educador e empresário;* and the poem *Pós-guerra* – thematizing the tragedies of the Second World War:

A flight of rhythms set the warm afternoon on fire
The roaring current of the raging river
fled the springs and threw itself into the bloody sea delta
endless
The horizon of sky and rainbow opened
the wandering paths to all distances were ruins
The cloud left the spotless sky, to disperse
the rhythms of all lifeless forms and sources
The birds hovered, after plunging into the wave, to escape
from the confinement of the empty sky, from the stormy winds and from the despair
of men
From hither and thither, they began to emerge
– humble prayers of ragtag beggars
– sick sounds of orphaned children
– groans of pregnant mothers in childbirth despair
– fake pleasure and orgasms of abandoned prostitutes
– cries of pain from terminal patients
– pleads for help from drowned people – war screeches, rifles and machine guns
bursts
of stray bullets
with no destination
Far, far away, transpires the poet's shadow and profile

to tell the stories
mourn friends
bury the dead. (BENCHIMOL in BAZE, 2014, p. 334-335).

The lyricist understands that a poet has the mission of telling the stories of those who succumbed in the disastrous war. “Hopeful, he longs for a future without wars”, according to Alessandra Conde,

In *Amazônia – um pouco antes e além depois* (1977), Benchimol declares that he had enlisted in the military with the intention of fighting Nazism: “Belonging to a group of anti-Nazi students, [...] I introduced myself, [...] on the occasion of Brazil's declaration of war against the Axis powers, as volunteers from the Brazilian Expeditionary Force that was organizing itself to fight in Italy” (BENCHIMOL, 2009, s/p). (CONDE-SILVA, 2022, p. 34).

In recognition of his unquestionable intellectual relevance, the scholar received honors while he was still alive, such as a seat at Academia Amazonense de Letras. After his death, the 'Professor Samuel Benchimol Award' was created in his honor, in 2004, by the Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), of the Federal Government, with the aim of promoting critical reflections about the Amazon in various dimensions, stimulating the creation and implementation of projects for sustainable development, aimed at increasing the productivity of companies, exploiting natural resources without provoking environmental impact and improving the quality of life of the region's inhabitants.

Samuel Benchimol was transformed into a literary character in the novel *A Filha dos Rios*, by Ilko Minev, published in 2015. He was remembered by other Amazonian writers, such as Márcio Souza, to whom he was a friend and promoter of literature, and to whom he allowed his *Eretz Amazonia: Judeus na Amazônia* to be adapted for the theater. We can, therefore, consider that, in addition to being a scholar and writer, Samuel Benchimol ‘is’ an interpreter of the Amazon. “IS”, the verb is purposefully conjugated in the present, considering his relevance in debates and agendas about issues involving the Amazon region.

References

ALVARES, Lillian Maria Araujo de Rezende. *Imensidão Amazônica: ciência e vida de Samuel Benchimol*. Prêmios da Amazônia, [S.I.] [2013?]. Disponível em: <<http://amazonia.ibict.br/samuel-isaac-benchimol/>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CONDE-SILVA, Alessandra. No coração da Amazônia, ecos da Shoah na Literatura e nas Artes plásticas. In: NASCIMENTO, Lyslei. VANI, João Paulo (org.). *Shoah - 80 anos de memória e resistência*. Vol 1. São Paulo: HN Editora, 2022. p. 23-43.

Biography

Samuel Isaac Benchimol was born in Manaus, on July 13, 1923, and died on July 5, 2022, aged 99. Writer, professor, scientist, economist and great businessman, he produced a vast literary and academic work, consisting of books, articles and essays that attest to his intellectual magnificence. Son of the Amazon, he dedicated himself to the study of this region and its rich natural and social diversity, becoming an authority on the subject. Along its trajectory, he has published thirty-two titles, of which we highlight *Romanceiro da batalha da borracha* (1992); *Amazônia: a guerra na floresta* (1992); *Navegação e transporte na Amazônia* (1995); *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia* (1998); *Amazônia: quatro visões milenaristas* (1999) and *Amazônia: formação social e cultural* (1999), which are fundamental writings for the study of the Amazon region.



MADY BENOLIEL BENZECRY²⁷

Mady Benoliel Benzecry among sensual Amazon women and images of Jewish tradition

Alessandra Conde
Translated by Ewerton Branco

Messody Benoliel Benzecry, known as Mady, was born in Manaus, in 1933. Coming from a traditional Jewish-Moroccan family, Mady Benzecry was a poet, visual artist and musician. She published two poetry books: *De todos os crepúsculos* (1964) and *Sarandalbas* (1967). Her paintings reflect the Amazon culture, in dialogue with some of her poetry, and the Jewish tradition. The artist and writer died on June 11, 2003. According to Mário Margutti (2003, p. 61),

Mady was born in Manaus at a time it had no electricity and the city was just a charming province, known as *Cidade Risonha* because of its pleasant and flowery places. Her father, the Moroccan-Portuguese Jewish Jacob Paulo Levy Benoliel, was an extremely strict man, who raised all his children under the most severe vigilance [...] As a result, young girl Mady bloomed inside, on the wings of her poetic imagination, balancing two rival forces in her soul: a special sensitivity, which weakened her emotionally, and a healthy Aquarian rebelliousness, which would give her strength and obstinacy to free herself from the chains of a provincial life and go towards her own individual achievements.

In the poem *Baú da infância*, published in the book *Sarandalbas*, the poetic persona sings about the people of the land and alludes to the presence of immigrants. Her Moroccan Jewish grandparents become a poetic theme. Her grandmother was the guardian of a “chest of trinkets”, an image that the poet uses as a metaphor for “memory”. From there, she extracts uncles, grandparents, cousins, and all sorts of people that family memory has crystallized in dialogue with the peculiar figures of childhood. With kindness and tenderness, the poem says of the grandmother: “Years later she died, / alone as she liked, / silent as she lived” (BENZECRY, 1967, p. 30).

In the poem “CIDADE FLUTUANTE”, “beautiful and sensual” women, a “mix of fish and people” (BENZECRY, 1967, p. 66) reverberate the Amazonian imaginary. The singing river dolphin, in “O REGATÃO (BUFARINHEIRO)”, goes out at midnight searching women to seduce: “Arrepara

²⁷ Image retrieved from the website:
http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/amazonas/mady_b_benzecry.html.

os pés desse macho / que canta pra te encantá / é rabo de peixe, é boto / que veio te enfeitiçá”, (BENZECRY, 1967, p. 72). According to Mário Margutti (2003, p. 105),

Poet-musician-painter, Mady is a living analogy of the Amazonas. By touching the roots of lyricism with her arts, she identifies herself with the legends and enchantments of her land, evoking essences and blending them together in the themes of her art, as if in a ritual celebration of memory. She becomes a kind of priestess-guardian of the lush beauties of the Amazon.

In her paintings, Mady Benzecry pictured sensual women. Some of them allude to the Amazonian imaginary, as seen in the following image:



Figure 1 – *As Amazonas I*, by Mady Benoliel Benzecry²⁸.

The theme of the Amazons evoked by Mady Benzecry sparkles traces of the history that named the region. Free and warrior women, like luminous characters transiting in a mythical Amazonian space, revive the legend of the Amazons. As stated elsewhere,

The painting "As Amazonas I", by Mady Benzecry, alludes to the legend of the warrior women from the Greek culture. Just like the Spanish navigator Francisco de Orellana, who named the river of the explored region, Benzecry succumbs to the fictionalized myth, using it as an artistic motif with variation. Despite holding bows in their hands, the women in the painting do not have

²⁸ BENZECRY in MARGUTTI, 2003, p. 83.

a martial stance. They are depicted naked and seductive, adorned with roses in their long black hair, and their dark skin contrasts with the whiteness of the horses. [...] The recreation of the Amazon legend brings forth a dialogue and tension between Apollonian and Dionysian principles, between day and night, in an ambivalent and conflicting narrative. Beyond appearances, from a Dionysian perspective, the women are at war, even though they are placed in an Apollonian and harmonious setting (CONDE-SILVA; SILVA, 2021, p. 8).

In *Natividade II*, Mady Benzecry portrays the indigenous mother, an image that is both wild and sensual in dialogue with the tenderness that motherhood evokes. Wild is the little jaguar that nestles tenderly in the hammock in which the mother is cradling the child. Nature freezes to see the maternal scene. Birds, jaguars and the proud mother contemplate the innocent child clinging to her breast:



Figure 2– *Natividade II*, by Mady Benoliel Benzecry²⁹.

Adam and Eve in the Amazon? The biblical theme in noticeable variation can be seen in Mady Benzecry's painting *Garden of Eden*:

Adam and Eve are in an idyllic setting, according to the tradition of representing the Edenic motif. There are, however, some records of the Amazonian fauna and flora. The jaguar rests harmoniously alongside African animals and Adam is about to devour the forbidden fruit. Behind them, a rushing river is illuminated by the intensely bright moon rising from behind triangular-shaped mountains. As a frame,

²⁹ BENZECRY in MARGUTTI, 2003, p. 108.

coconut trees and abundant vegetation appear, demarcating a wide space of colorful plant forms. (CONDE-SILVA; SILVA, 2021, p. 6-7).

The image that portrays the Jewish myth gains additions from the Amazonian flora. Beautiful Eve sensualizes herself behind Adam, as if insinuating, urging for a bite, into the fruit, the tempting flesh.



Figure 3 – *Jardim do Eden*, by Mady Benoliel Benzecry. ³⁰

Mady Benoliel Benzecry sang and painted the Amazon, as we mentioned earlier. The Amazonian cuisine with its peculiar dishes received a poetic treatment in the poem *Alegretto de Roçassine*, in the book *Sarandalbas*. However, the poet musician adjusted the longing for the food of the land by composing a musical composition.

If she sang about her Jewish people, she also sang about her Amazonian people. In "Alegretto de Roçassine," from the section "5 Cantilenas," Benzecry composed a song, recalling flavors of the local cuisine: "Da minha terra / Eu não sinto saudade, {Bis / Mas sinto falta / Das comidas de lá á á á" (BENZECRY, 1967, p. 68). *Tacacá, macaxeira, taperebá, tucupi, "a tartarugada / na varanda do solar"* (BENZECRY, 1967, p. 69) are sung/evoked/remembered by a contralto voice in A minor, following notations in alegreto, inducing a slightly joyful and fast interpretation. In her notation, Mady Benzecry adds: "(acompanhamento de caixa de fósforo seca)" (BENZECRY, 1967, p. 68) guiding the rhythm in a peculiar percussion similar to a samba (CONDE-SILVA, 2020, p. 104).

Benzecry, in her paintings, focused motifs such as motherhood, local mythology, Amazonian culture and reality, sensual woman and the biblical Jewish tradition. In her poems, family and childhood memories are pictured, images of the culture of a rich and tasty land, images that time has not been able to erase, being recalled in paintings, verses and music.

³⁰ BENZECRY, in Margutti, 2003, p. 23.

References

BENZECRY, Mady Benoliel. *Sarandalbas*. Manaus: Pongetti, 1967.

CONDE-SILVA, Alessandra F. Memórias de uma judia sefardita: reminiscências poéticas na Amazônia. *Revista Moara*, n. 56, vol. 1, ago-dez 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9783/6756>.

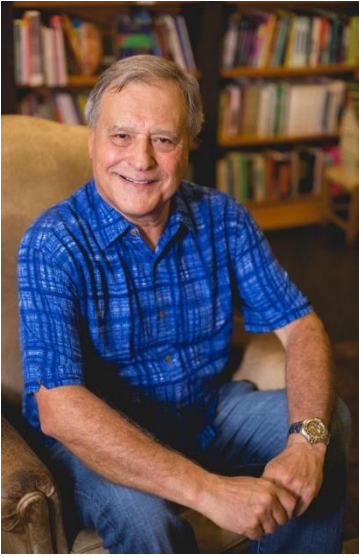
CONDE-SILVA, Alessandra; SILVA, Joel Cardoso da. Duas artistas plásticas judias na Amazônia. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 15(29), 2021, p. 30–44. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/35907>.

MARGUTTI, Mário. *Embaixadores da alma brasileira: vida e obra de Batista e Mady*. Rio de Janeiro: Lucky, 2003.

Biography³¹

Messody Benoliel Benzecry, or Mady, was born in Manaus on the 19th of February, 1933. Daughter of a traditional Jewish family from Manaus, Mady got married at age 16 and had two children: Jacob Elias Benzecry (Elly) and Norma Nellie. She began her career as a poet, but later turned to visual arts. Living in Rio de Janeiro, she married, in a second marriage, the sculptor Eugênio Carlos, known as Batista. She and her husband were recognized as “Ambassadors of the Brazilian soul”, representing Brazil in various events and receptions for distinguished personalities, such as Prince Charles and Princess Diana. The couple's works were appreciated by movie stars and great international representatives, such as President Ronald Reagan and the Queen of England. Mady Benoliel Benzecry participated in many international exhibitions for over 20 years. L'Officiel declared Mady and her husband as “two of the most famous creators in Brazil” and “true itinerant ambassadors of their country's pictorial art” (MARGUTTI, 2003, p. 178). In 1964, Mady published her first book: *De todos os crepúsculos*. Three years later, in 1967, she published her last poetry book: *Sarandalbas*. Some of her paintings evoke themes already portrayed in her poetry. Mady Benoliel Benzecry passed away on June 11, 2003.

³¹ Biographical text taken from “Dicionário de Escritores Judeus Brasileiros”, by Núcleo de Estudos Judaicos, from the Federal University of Minas Gerais. Available at: http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/index.php?web=nej&lang=1&page=3682&menu=&tipo=1.



ILKO MINEV³²

“I am the most “caboclo” Bulgarian in Brazil”: Ilko Minev, a writer from the Amazon

Alessandra Conde

Translated by Ewerton G. Lopes Branco

Ilko Minev is a writer from the Amazon. So far, he has written four novels: *Onde estão as flores?* (2014), *A filha dos rios* (2015), *Na sombra do mundo perdido* (2018) and *Nas pegadas da Alemoa* (2021). The novels tell the saga of Licco Hazan's family, a survivor of a forced labor camp in Bulgaria, under Nazi domination. The Amazon welcomed Licco and his wife Bertha. In Manaus, they formed a family and prospered. “From there, the novel will deal with another historical subject: the social and economic establishment of the Jewish community in the Amazon, echoing socio-historical aspects raised by Samuel Benchimol in *Eretz Amazônia* (2008)” (CONDE-SILVA, 2022, p. 29).

The first few chapters of *Onde estão as flores?* narrate the trauma of those who survived Nazism and understand the need not to obliterate the tragedy so that it does not happen again:

In the autumn of my life, before illness and senility silence me, I feel the need to tell and pass on memories and lessons that I have accumulated over more than 90 years. It took me a long time to convince myself that it was important to record these memories, exhortations and recommendations for children, grandchildren, great-grandchildren and anyone who wants to know a little more about these examples from the past. The hope is that one day, when reading this report, they will remember and miss me, with pride and gratitude. (MINEV, 2014, p. 11).

The other novels — *A filha dos rios* and *Na sombra do mundo perdido* — bring Licco's nephew, Oleg Hazan, and Alice Melul as protagonist characters. In these stories, which take place in the interior of the Amazon, in Rondônia and Roraima, indigenous people, miners, rice planters live together with the Jewish couple. In the book *Nas pegadas da Alemoa*, the narrator is the early daughter of Licco Hazan. She and her friends go in search of the German woman, the daughter of a Nazi soldier and an indigenous woman of the Aparai ethnic group. The Nazis carried out a scientific expedition in the Amazon in 1935: “The German expedition left a mortuary monument in Amapá: a Nazi tomb. A photo of this tomb draws the attention of Licco Hazan, but death finds him before he can unravel the

³² Image retrieved from the website: <https://ilkominev.com/palestra/>.

mystery” (CONDE-SILVA, 2022, p. 1). Rebeca, her cousin Oleg and other friends accomplish the wish that Licco was unable to fulfill.

Minev's novels focus on the presence of Jews in the Amazon, in dialogue with the singularities of culture and ethnic diversity, as the writer declares:

Since I arrived from Bulgaria more than 40 years ago as a dissident of the communist regime, the Amazon has taught and given me so much that one of the ways I can contribute is to tell about its stories, its economy and its beauties in my lectures.

As a businessman, I went deeper into the region's economy. From extractivism to the Manaus Free Trade Zone, passing through gold mining and the rubber cycle, the development of the region is quite peculiar and very interesting. And it has a lot to teach Brazilians, who know little about this story.

Linked to the economy, the occupation of the Amazon by Jews, English, Arabs, among other immigrants takes place. I am Jewish and my family is part of this story and that is why it serves as a background for my three books – *Onde estão as flores?*, *A Filha dos Rios* and *Na sombra do mundo perdido*. With the same passion, I talk about the mixture of Indians and settlers in my lectures, giving an overview of this Amazon melting pot.

Everything I witnessed, all the adventures I experienced – I even became a documentary on Discovery when I got lost in the forest – motivates me to record these stories, whether in the form of books or in the form of lectures. I'm the most “caboclo” Bulgarian in Brazil, and that's what motivates me the most.³³

References

MINEV, Ilko. *Onde estão as flores?* São Paulo: Livros de Safra, 2014.

CONDE-SILVA, Alessandra F. Os livros dentro do livro e o monumento da barbárie em Nas pegadas da Alemoa. *Arquivo Maaravi. Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 16(30), 192–194. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/39454>.

CONDE-SILVA. No coração da Amazônia, ecos da Shoah na Literatura e nas Artes plásticas. In: NASCIMENTO, Lyslei; VANI, João Paulo. *Shoah: 80 anos de memória e resistência*. Vol 1. Diáspora e imigração. São José do Rio Preto, SP: HN, 2022.

Biography³⁴

Ilko Minev was born in Bulgaria, in 1946, but he defines himself as a Brazilian. Living in the country for 45 years, the writer likes so much the Amazon region, the place he chose to live and raise his family,

³³ Autobiographical text taken from the writer's website: <https://ilkominev.com/palestra/>.

³⁴ Text taken from the writer's web site. Available at: <https://ilkominev.com/biografia/>.

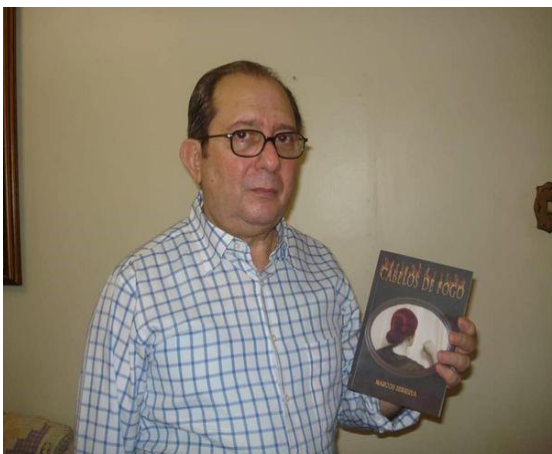
that he considers himself a “caboclo”. From his wanderings around the region, many stories were born, three of them recorded in a book: *Onde Estão as Flores*, *A Filha dos Rios* and *Na sombra do Mundo Perdido*, his most recent work published by Buzz Editora

Other stories, like the one about when he got lost in the woods with his son, even became a TV special. Many others, he tells on this site in his articles and videos. His taste for literature has accompanied him since he was a boy in Bulgaria in the 50s and 60s who lived under the Iron Curtain. It was in Sofia, the capital of the country, that he decided to attend the faculty of Letters. There he approached a group of dissidents of the communist regime and began to be persecuted. He would either get arrested or run away. He applied for asylum in Belgium, where he studied economics. Destiny and family connections brought him to Brazil, and work brought him to Manaus.

Despite the repression of any religious or Marxism dissident education, he learned the principles of Judaism and humanism from his mother, Eva, as a boy. Alongside the Bulgarian language, the Minevs spoke German at home and had a notion of Ladino, the language that Mediterranean Jews continued to practice after being expelled from Spain in the late 15th century. So young Ilko inherited not only the rich Bulgarian culture, but also got to know other cultures.

The passion for new cultures and peoples only grew after coming to Brazil in 1972, because of a job opportunity. First to São Paulo, then to Manaus to run an electronics company in the emerging Free Trade Zone. Two years later, he was hired by the Bemol department store, where he stayed until he retired in 2012 as a partner. Parallel to his business activities, Ilko holds the position of Honorary Consul of the Netherlands (Holland) in Amazonas for almost 30 years, in addition to founding and chairing the Hebraica club in Manaus.

Ilko Minev has been married to Nora Benchimol Minev for 43 years. He has two children, Denis and Ilana, and three grandchildren, Samuel, Eli and Ben. A family of Amazonians, term used to describe those who love Amazonas, its beauties and culture.



MARCOS SERRUYA³⁵

Echoes of Jewish immigration in Marcos Serruya

Angélica da Silva Pinheiro

Translated by M^a Annarry Tavares and Ewerton Branco

On April 4, 1947, in the city of Belém, Marcos Serruya was born. He was the third son of a traditional Moroccan Sephardic Jewish immigrant family. He lived

in the city of Belém, where he graduated in medicine at the Federal University of Pará. The doctor would become, in mature age, a writer of novels.

His first work was *De Volta à Capela*, signed under the pseudonym Moser Mac Seyam. Although the book was not published, it had readers: his family and closest friends. He also wrote *O Cabalista* (2008) and *Cabelos de Fogo* (2010). In this books, the Jewish tradition is presented in strong strokes. In his first published novel, the author bequeaths autobiographical traces to the narrative, justly expressing the roots of his studies of Jewish mysticism, the Kabbalah. The story, which goes through mystical experiences, takes shape in the voice and memory of the Jewish character, at different but intertwined times:

The book narrates the trajectory of a Sephardic [...] Jew who lives in Belém do Pará, in his search for knowledge of the Kabbalah universe, from the beginning of his adult life - when he is surprised by supernatural signs that suggest a connection between past lives and the Kabbalah - until his 60s, when he, then a doctor, ventures in search of a great scholar who studies the Jewish Kabbalah and resides in Israel - the so-called Kabbalist - to whom the title of the work makes reference. The story is told as the memories of three moments in the main character's life: the present, marked by his arrival in Israel, from where he begins the narrative; preadolescence, during high school, when he begins to realize that he has special, or psychic, gifts, as he reports in the book; and young adult, during his period as a medical student, in which he goes through a moment of reaffirmation of his Jewish religiosity/identity. (GAMA, 2020, p. 120).

Moroccan-Jewish culture and tradition are present in Serruya's fiction. His second novel reveals the tendency to expose the Jewish presence in the Amazon. *Cabelos de Fogo* (2010) tells the story of

³⁵ Image courtesy of the author's family. .

a Polish Jewish woman, brought to the Amazon by a criminal organization in the late 19th century. The character, named Hana, experiences the tragedy of being a Jewish prostitute and the condition of estrangement from Jewish tradition. The novel is considered semi biographical, according to Regina Igel:

This little book gives continuity to other Brazilian works about the same theme: the trade and exploitation of European Jewish girls in the early 20th century. They were naive young girls, daughters of families rooted in villages inhabited by poor Jews, attached to religion and oblivious to the evils of the world, even those of their coreligionists. [...] This is a true story, researched in the northern region of the country, where in fact a Jewish girl resided, forced to sell her natural beauty and her youth. (IGEL, 2012, p. 22).

This is how the writer constructed the story of *Cabelos de Fogo*. Judaism as a theme also stands out in this novel, this time in the telling of the story of a Polish woman in the Amazon, in a way that highlights the resilience of the Jewish faith in the character's trajectory, as said elsewhere:

The Jewish theme is strongly portrayed throughout the narrative. The Jewish character Ana Júlia, called Hana in Poland, is an immigrant trying to adapt to her imposed condition of being and the new environment. A history of cultural resistance is echoed in the character. [...] In the text, Hana, who adopted the name Ana inside Brazilian territory, near the end of her life, already quite sick, makes an attempt to return to the practice of Judaism by trying to attend a synagogue. However, her past as a prostitute makes her reinsertion in the Sephardic Jewish community difficult, besides how she had Askenazite ancestry and still sought coexistence among her Sephardic brothers. (PINHEIRO; CONDE-SILVA, 2019, p. 119-120).

The plot of *Cabelos de Fogo* (2010) is based on the character Ionathan, Ana Julia's great-grandson. Son of a Moroccan Jewish descendant, Ionathan wished to convert to Judaism. For such, he embarks in a quest to prove his Jewish ancestry by matrilineal condition through an investigation. The unfolding of the story reveals how the Jewish Ana Julia was deceived in Poland, her native country. A young man, posing as a good Jew, wins her confidence and also her family's. After marrying him, Ana Julia leaves Poland and heads towards South America, but during the voyage she is made aware of her actual and cruel fate.

The Amazonian writer's novels reveal the entrance of Sephardic and Askenazite Jews into the Amazon region, and also the search for and conservation of Jewish culture, despite the hybridic cultural conditions found in this land that welcomed them.

References

GAMA, Libna Keite da Silva. Trajetórias místicas em “O Cabalista” de Marcos Serruya: diálogos religiosos. *A palavrada*. V. 1. n. 18. p. 116-120, 2020. Available at: <https://drive.google.com/file/d/19P0orr6Tpn2a1BNM30PugmrHtCUuAq5l/view>. Accessed on: 24 Dec. 2022.

IGEL, Regina. Uma obra revisitada. *Amazônia Judaica*. no. 7 p. 22-23, 2012. Available at: https://issuu.com/amazoniajudaica/docs/edi__aopessach5772 Accessed on: Jan 15, 2023.

PINHEIRO, Angélica da Silva; CONDE-SILVA, Alessandra F. da. A prostituição e a condição judaica em *Cabelos de fogo*. *A palavrada*. V. 1. n. 15. p. 115-125, 2019. Available at: <https://drive.google.com/open?id=1WkvYOuf2iiS1ifBtgdhKuSQnqLM-nicR>.

Biography

The writer Marcos Serruya was born to Leão Serruya and Meryam Alves Serruya on April 4, 1947. His paternal family had been settled in the inland city of Pará, Cametá, and the maternal family, in Alenquer. Serruya himself was born in Belém do Pará, the city where his parents married and resided. He was still a teenager when his father passed away. He studied in public schools and attended the Federal University of Pará, from where he got his degree in medicine at the age of 23. He worked in the army, offering medical care to people living in remote and frontier places. The doctor and writer married Rosa Maria Morim. Their union resulted in two daughters, Karen and Deborah, but ill-fated happenings made him a widower. He later married Celeste Pinto Serruya, a Jewish woman of Moroccan descent. From this new union he conceived two daughters, Ingrid and Ava. As he aged, he became involved in the Jewish Community of Pará, becoming president of the Para Israeli Center (CIP). He was also editor of the newspaper *Amazônia Judaica* and a member of the Brazilian Society of Medic Writers (SOBRAMES). He passed away in 2010, shortly after releasing his second novel. He produced the *Pequeno estudo sobre os segredos das pragas do Egito*, published in 1999; it was a commented translation from Aramaic, bolstering studies regarding the Jewish community. Today, the study reaches many of the Moroccan Jewish brethren, as it is part of the *Pesach Haggadah in Moroccan Sefaradi Rite* (2011), edited by David Salgado. His published novels have been: *O Cabalista* (2008) and *Cabelos de fogo* (2010).



ELIAS SALGADO³⁶

In favor of all counter-expectations

Elias Salgado
Translated by Silvia Benchimol

My name is Elias. To my high school friends in Israel, I'm Eli, a nickname for Eliahu in Hebrew. Eli, among Moroccan Jews in Israel, corresponds to José or Antônio among Brazilians of Portuguese origin. In other words, nothing could be more popular. I would say more than that: too common. In my school class alone there were four Eli(s).

This habit of using short forms for people's names is very typical of Sephardic (Iberian) Jews from northern Morocco, as were my paternal grandparents and our entire Amazonian community. Certainly, calling people by sweetly abbreviated forms of their names is an influence of the Spanish Jew language variation and, in our specific case, by our beloved *haquitia*: Ana, Anita; Moses, Moshito; Meryam, Meryta and so on, many of them in fact. *Êta melaço!* [such sweetness!!]

Yes, that's how we are: warm, exaggerated, passionate, noisy, partying to the limits! I will try to describe a scene involving the Elmaleh-Salgados, sons of Syme Alves and Lázaro Salgado, at a family gathering:

– Symita, *mi hermana querida*, did you see that damn *sachen*, your neighbor?

Who said Symita could hear Anita? She was, as everyone else in the house, shouting! All at the same time, But even so, Anita kept speaking out loud and gesticulating and, finally, cursing, as Symita couldn't hear her or understand what she said.

– *Negro mazal*, *Symita malograda*. *Eres mesmo uma soté*. [Damn Symita. You are really a *crazy person*].

Eventually, dragged by her brave insistence, Anita crossed the room to where her sister was, helping to put the wine and the *matzot* on the table.

– Symita, *estás surda*, *mi reina*, *não me ouvistes te chamar*, *ferazmal?* [Symita, are you deaf, my queen, didn't you hear me calling you, dear?]

³⁶ Image provided by the author.

Did you know that your neighbor, that *soté*, knocked on the door asking if everything was all right around here and if we needed help, because as he heard us shouting and arguing? He thought something wrong was going on.

Symita sneered, turned around and went back to what she was doing.

– My rebbi Shimon Bar Iochai, is it possible that no one understands each other in this house? *Hermanos endiamantados* [precious brothers], the *Seder* is about to begin. *Dio bendicho, los judios ya lograron irse de Mitzraim y ustedes siguen a pelearse*. [Blessed God! The Jews have already managed to leave Mitzraim (Egypt) and you keep on fighting!].

These words were my uncle Saul's, the calmest of them, calling everyone to the Pessach dinner meal.

On my mother's side of the family, people are not less noisy, quite the contrary, but it is from the “deeper” Brazil where they come from. I say ‘deeper’ due the long time their ancestors have been here. Both Souza and Oliveira – last names of my maternal grandparents – have their roots in the Amazon. However, they originally came from Portugal, passing through the Northeast region, where they arrived around the 17th century. In their veins, once ran Iberian Jewish blood, like my father's relatives blood, but the Inquisition, with its persecutions and massacres, kept them distant from their Ibero-Jewish origins.

Here is an issue that my researcher portion, committed to the Jews of the Amazon, is indebted to those interested in the subject – to work harder in order to enhance research on the New Christian presence in the Amazon and unveil its connections with the community of Moroccan Jewish immigrants who arrived there in early decades of the 19th century.

But I dare to say that, when it comes to my personal history, I have already “meddled in”.

But, going back to the beginning of this story, I'll keep talking more about myself (as if everything I've told you so far wasn't personal), after all, wasn't that the purpose of your invitation? You cannot say I did not try to dissuade you guys from putting the invitation aside, but people swore there would be people interested in “listening” to me. Is it really?

But let's put things straight, if it's the reader what matters here, I shall confess a secret, so far shared only by Marizinha and my daughters Tamara (Tami) and Luna (Lu-nita): I can count my readers on my fingers. If it were up to the readers, I wouldn't type a single letter... the thing is I'm the most selfish of all human beings: I write as if I were looking at myself in the mirror.

But (I ask myself), man...what about the biography you were asked to write? What are you running away from?

No, It's not about this. It's just that the guy here is too prolix and if you let him talk, freely, you'll fall asleep for sure. And, in 'his' defense, I would reply, yes, I have something to say: Bros, it's a long story...

I'm going to take a deep breath and try my best to make it smaller: as I said elsewhere, I came from the "End of the World" (From Boca do Acre, in Amazonas) and I've been to 4 of the 6 continents of this planet (South America, Africa from the North, Europe and Asia (Middle East). Considering the countless comings and goings, let's say, around 30 million km² on the road! My friends, I swear this is not a fisherman's story, Google is assuming it. And I doubt if there is anyone out there who contests Google.

Now, tell me: with such a biography, how could I not be a prolix storyteller?

And this is, if no other, my reason for living. Thanks for the invitation.

P.S. Among the few things that have saddened me, so far, along this journey – and it is only halfway down the road – was that, unfortunately, I could not fulfill my mother Vidinha's desire of seeing her firstborn son, a career employee from Banco do Brasil... I'm sorry, Meryta, 'our dear Vidinha'.

Rio de Janeiro, Dec, 03rd, 2022.

Glossary (in order of appearance):

Haquitia: Oral language spoken by the Jews of Northern Morocco. It mixes Medieval Spanish, Hebrew and Arabic.

Malogrado / Damn: Disgraceful. used in curses

Sachen: It could be any guy. In the case of Brazilian slang it would be "dude" or a non-Jew. And even a neighbor of the Hebrew shachen.

Mazal: Luck.

Sotê: crazy.

Matzah/matzo: Unleavened bread.

Ferazmal: Free from all evil.

Rebbi: My rabbi. My sage.

Mitzraim: Egypt.

Pelear: To fight.

Biography

Elias Salgado was born in Boca do Acre, in 1958, in the State of Amazonas. Years later, the family, migrated to Manaus, where Elias spent part of his childhood and adolescence. The historian and columnist current lives in Rio de Janeiro, with his wife Mariza Moreira Blanco. He graduated in History at Universidade Santa Úrsula, and Economics, at Universidade Gama Filho. He postgraduated in Education and History at the Hebrew University of Jerusalem. He is president and founder of the Amazônia Judaica Portal, of the Amazônia Judaica Historical Archive, electronic sites for studies on the Jewish presence in the Amazon, as well as founder, director and member of the academic council of the Center for Jewish Studies in the Amazon (CEJA). He is the editor of the magazines *Universo Sefarad* and *Amazônia Judea*. His books of chronicles are: *O fim do mundo e outras histórias de beira-rio* (2015), *Vou ali e volto já* (2018) and *Memória Indiciada* (2020).



MYRIAM SCOTTI³⁷

The feminine writings of Myriam Scotti

Myriam Scotti

Translated by M^a Annarry Tavares and Ewerton Branco

Although literature had been present in my life since I was very young, what truly brought me into writing was my own maternal experience. The arrival of my first child was unsettling and caused me deep uneasiness from the moment they settled him in my lap and, contrary to what I had heard all my life, I didn't feel instant infatuation. That magical moment to which I had been looking forward did not happen. The uneasiness lasted for months, under the inquisitive looks of those who surrounded me and expected the standard behavior for that moment in which I found myself in, in such a manner that writing became a tool for me to elaborate all the sweltering feelings. Thus, my writing journey, in which I wrote maternal chronicles about this nebulous side that I was experiencing and no one had told me existed, began.

Writing my silences became an exercise in self-knowledge, necessary for me to go forth with my days. Some women identified with the chronicles, but most deemed me harsh, exaggerated, depressive, a soulless mother who didn't love her own child. Besides the writing itself, reading works written by women was very transformative. When I came across brave authors and their literature that described real women who had anguishes that were similar to mine, I found acceptance, identification and, finally, a place of belonging in the maternal world - where an idealized haze usually prevails, suggesting eternal sacrifice and unmeasured love - besides provoking fundamental questions for our days: After all, is every woman born to be a mother? When choosing motherhood, would this be the only path to follow or would it be possible to reconcile several roles in the search of personal fulfillment, beyond just motherhood? For which reason, when we openly talk about this other, darker side of mothering, do we suffer such severe judgment from society?

Therefore, it is through the choice of the narrative voice that demystifies motherhood that I try to promote the particularity of my own text. I believe that it is urgent to rethink the maternal role and its relationships in order to discuss the many idealized representations of motherhood, to promote

³⁷ Image courtesy of the author.

reflection on other possible paths in relation to these stereotypes that tend to oppress the female figure. Imbued with these emotions, I have published poetry, chronicles, short stories, and novels that can bring about contemplations and discussions about this feminine being which is so complex and plural. I seek to write what Lúcia Castello Brancou calls "mulheridade," a term that describes my works very well.

Biography

Myriam Rachel Benayon Reis Scotti, Amazonian Jewish writer, was born on February 4, 1981. Although she graduated in Law from the Federal University of Amazonas, she left the legal world to dedicate herself to Literature soon after the birth of her first son. She is married to Giovanni Falabella Scotti and is the mother of Daniel Benayon Reis Scotti and Noah Benayon Reis Scotti. She graduated in Law from the UFAM (Federal University of Amazonas). She has published more than 12 works. From the first ones, some are intended for a young audience, while others regard a variety of themes, be it in the form of short stories, cronicles, poetry or novels. In the short story "Terra Prometida" from the storybook *Éden tártaro*, in e-book format, and in the novel *Terra Húmida* (2021), Jewish presence in the Amazon is discussed. Some of her published books are "O menino que só queria comer tomate" (2015), "O menino que não queria dormir sozinho" (2017), "Quando meu irmão vai embora?" (2017), "A língua que enlaça também fere" (2018), "Mulheres chovem" (2020), "Mãe no país das maravilhas" (2018), "Éden tártaro" (2018), "Desculpa por não conseguir dizer isso antes" (2018), "Diário mágico" (2019), "Quem chamarei de lar?" (2019), and "Terra úmida" (2021).

2. JEWISH DESCENDANT WRITERS



PAULO HERBAN MACIEL JACOB³⁸

Traces of antisemitism in *Um pedaço de lua caía na mata* de Paulo Jacob

Aldilene Lopes de Moraes
Translated by Silvia Benchimol

Paulo Herban Maciel Jacob was born in Manaus, in 1921. His father was a Moroccan Sephardic Jew who immigrated to the Amazon. In his novels, Jacob presents rich descriptions of the peculiar life in Amazonian lands. In the novels *Chuva Branca* (1981) and *Um pedaço de lua caía na mata* (1990), the theme of Sephardic Jews in these lands is highlighted. In *Chuva Branca*, we find the first mention of Salomão, a Jewish character, owner of a small business in the city of Parintins, whose story will evolve and gain details in *Um pedaço de lua caía na mata*.

Jacob, in this novel, presents the story of a family of Sephardic Jews – Salomão, the patriarch; Sara, his wife; Jacob and Raquel, their children – established in Parintins -Amazon. As evidenced before:

Solomon, as a traditional patriarch, seeks, at all costs, to preserve his religion and customs. To that end, he searches for means to allow his children to learn about Judaism. Despite being far from his homeland, he spares no efforts to teach his children the words of the Torah. However, his family – Sara, Jacob and Raquel – faces several situations of prejudice due to their Jewishness (MORAIS, 2020, p. 147).

Salomão, despite suffering from being far away from his homeland, spares no effort to pass on the teachings of the Torah to his children, just as much as he seeks to interact with the people from Parintins, a way of integrating himself into the community. He doesn't want to be seen just as a stereotypical Jew. Many used to refer to him with a pejorative tone.

Because he leads his own business, Solomon carries the stigma of a “thief” Jew. In addition, according to a religious anti-semitic tradition, in the narrative, there were people who accused the Jews of having killed Christ. In order to lessen the bad reputation and with the aim of being esteemed by

³⁸ Image retrieved from a public access website: <https://almaacreana.blogspot.com/2018/12/paulo-jacob-uma-fortuna-critica.html>.

the community in general, Salomão provides financial assistance to the church's parish and tries to maintain good relationship with the local authorities. Despite these all these efforts, he still goes through a myriad of vexing situations.

In his youth, Salomão falls in love with Janoca, a local girl. However, the young woman's family does not accept the romance, pushing the couple away. Due to the Jewish tradition of not wanting to abandon his principles, Salomão marries Sarah – a Jewish girl and raises a family. But Salomão never forgot “Janoca, the love of a Jew”, considering “Sara, the necessary woman” (JACOB, 1990, p. 26).

The novel shows the misfortunes of the Jew Salomão in the Amazon, because, as Samuel Benchimol (2008, p. 175) has already pointed out, “it is very difficult to be, to live and to remain a Jew anywhere in the world and, above all, in the Amazon” (BENCHIMOL, 2008, p. 175). More than that, despite having some good results in his endeavors, such as the mission to educate his children – both in secular education and in the teachings of the Torah – through Jabob’s writings, we can perceive how Salomão manages to deal with many misfortunes.

Paulo Jacob studied Law at the Federal University of Amazonas (UFAM), worked in the judiciary sector in several cities in the interior of the state. He developed activities as a Professor and researcher, acting for ten years as a Professor at the University of Amazonas.

References

BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia*. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer, 2008.

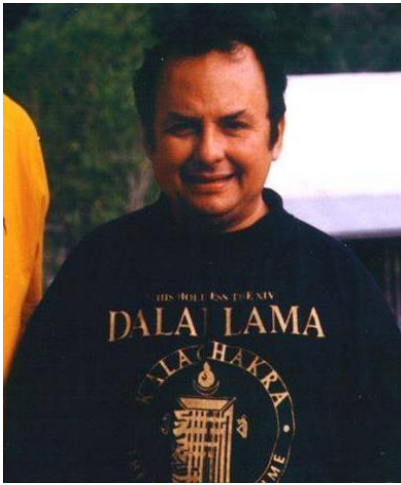
JACOB, Paulo. *Um pedaço de lua caía na mata*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.

MORAIS, Aldilene Lopes de. O antissemitismo nas obras *Uma grande mancha de sol* e em *Um pedaço de lua caía na mata*. In: CONDE-SILVA, Alessandra F. BENCHIMOL-BARROS, Silvia. *Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia*. Rio de Janeiro, RJ: Talu Cultural, 2020.

Biography

Paulo Herban Maciel Jacob, son of a Moroccan Sephardic Jew, was born in Manaus. The writer did not profess the Jewish religion, but declared his origin. In both *Chuva Branca* (1981) and *Um pedaço de lua caía na mata* (1990) the writer portrays the presence of the Sephardim in the Amazon, especially in the second novel. Paulo Jacob developed an extensive literary production that often focuses on the diversity of the Amazon peoples, such as the caboclo, the northeastern men, the Arab and the Jew. He

studied law at the Federal University of Amazonas (UFAM), worked in the judiciary sector in several cities in the interior of the state. Jacob also developed activities as a Professor and researcher, acting for ten years as a professor at the University of Amazonas. Besides, he also wrote the following novels: *Muralha Verde* (1964), *Andirá* (1965), *Chuva branca* (1968), *Dos ditos passados nos acercados do Cassianã* (1969), *Chãos de Maíconã* (1974), *Vila rica das queimadas* (1976), *Estirão e mundo* (1979), *A noite cobria o rio caminhando* (1983), *Dicionário da língua popular da Amazônia* (1985), *O gaiola tirante rumo do rio da borracha* (1987), *Um pedaço de lua caía na mata* (1990), *O coração da mata, dos rios, dos igarapés e dos igapós morrendo* (1991), *Amazonas, remansos, rebojos e banzeiros* (1995), *Assim contavam os velhos índios ianônãmes* (1995), and *Tempos infinitos* (2004).



ROGEL SAMUEL³⁹

Life and Art in Rogel Samuel

Angélica da Silva Pinheiro
Translated by Silvia Benchimol

Rogel Samuel was born on January 2nd, 1943, in the city of Manaus, Amazonas. Among his works are the novels *O Amante das Amazonas* (1992) and *Teatro Amazonas* (2012). It took him ten years to write his first novel, bearing in mind the story of his Alsatian Jewish grandfather and his experiences in the forest and rivers of the Amazon. About Maurice Samuel, the grandfather, who Rogel never got to know, the author mentions knowing very little. Maurice was a rubber trader, owner of a vessel that plowed the Amazon rivers, carrying rubber back and forth. In *O Amante das Amazonas* (1992), Rogel depicts his grandfather as a great exporter. According to Alessandra F. Conde da Silva,

in Rogel's book there is a reference to his grandfather, but there are no references to his Jewishness. It is in the story of the book production, that Jewish echoes are evidenced. On the cover of the book, there are photos of Maurice Samuel's vessel "Adamastor". Emotional as he was, familiar memories emerge in his writings as images, albeit in ruins. These memories are the elements which helped Rogel Samuel to tell an Amazonian story. (CONDE-SILVA, 2021, p. 6-7).

The writer was conscious of his Jewish roots, but did not seek to delve into his grandfather's tradition. As Alessandra points out, "it is in non-fictional texts that [...] Rogel Samuel asserts his awareness of his Jewish ancestry" (CONDE-SILVA, 2021, p. 10). Reading Samuel Benchimol's *Eretz Amazônia*, he found his grandfather's name next to the names of other Jews, great entrepreneurs in the rubber cycle, according to personal reports:

I read "Eretz Amazônia – judeus na Amazônia", by Samuel Benchimol, to find myself.
My Jewish roots.
When I was young, in college, here in Rio de Janeiro, I was called the "Wandering Jew".
I did not even know why.
The book was sent to me by a good friend. I read it with avidity, an easy and pleasant reading. Samuel Benchimol (1924-2002) was a good writer, in addition to being a highly educated researcher and full professor.
I had already read him a lot, especially his extraordinary "Amazônia", which I widely used in the construction of my novel "The Amazons Lover".

³⁹ Image retrieved from a public access website: <https://www.facebook.com/rogel.samuel>.

I met him by sight, when he still lived on Rua 10 de Julho, and played chess at “Luso” with my brother.

I read “Eretz Amazônia” to find myself, even not being a Jew, but the grandson of a Jew. Only the son of a Jewish mother is a Jew, or one who has undergone conversion. My friend and writer Bella Josef (1926-1910) once invited me to join the group, but I said thanks, I'm too old to change.

And there, I found my grandfather Maurice Samuel in several places in the book, mainly in the “Boom do ciclo da Borracha”, on page 117, next to the Levys, the Kahns, etc., very rich and entrepreneur personalities, all of them French and Alsatians, like my grandfather (Marius & Levy built the Post Office building, on the corner of Av. Eduardo Ribeiro, the highest in the city).

My grandfather's office was on Rua Marcílio Dias, where the Hotel Amazonas is located today.

It used to be there. And in my heart.

He owned the ship Adamastor, the picture of which is in my book.

He died in poverty, in the same year I was born: 1943.⁴⁰

Rogel Samuel is a professor, researcher, writer and literary analyst. His novel *O Amante das Amazonas* (1992) is structured as a crime novel, leading the reader into the story of Pierre Bataillon's Manixi Palace, in the middle of the Amazon rainforest. It narrates the mysterious disappearance of his son, José Bataillon. The time of the narrative unfolds between the apogee and the decadence of rubber in Manaus, showing two faces of the history of the rubber cycle that collide, but intersect in the novel. Jungle and luxury, poverty and wealth are based on the image of a palace in the middle of a dense forest. According to Alessandra F. Conde da Silva,

the story of *O Amante das Amazonas* is not about Samuel's family. The work is about the heyday and decline of the Rubber Cycle. The life of Pierre Bataillon, the luxury of the Manixi Palace and the life in the exuberant forest are enchanting, but at the same time they oppose the subjugated indigenous culture, the oppressed rubber tapper, the raped women and the hardships and savagery of the Amazonian forest and rivers. In addition, the decay of the works and fortunes of the great exporters, the bankruptcies of the merchants expose another side to the history of the oppressed and oppressors. Life's setbacks put some characters to the test. The narrative is full of mysteries and enchantments, as only a palace entangled in a dense forest can be. (CONDE-SILVA, 2021, p. 7-8).

His second novel, *O Teatro Amazonas*, “one of the largest and most beautiful theaters in the world, built in the middle of the Amazon jungle”⁴¹, was published in 2012, and is currently available on his blog, as well as other novels, poems and chronicles. The historical fiction thematizes the exquisite construction of an opera house in the ‘Paris of the Tropics’. The city of Manaus, its people

⁴⁰ This report by Rogel Samuel is available at: <http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2012/01/os-judeus-na-amazonia.html>.

⁴¹ Excerpt taken from Rogel Samuel's comments on the novel *O Teatro Amazonas*. Available in the author's Blog: <https://literaturarogelsamuel.blogspot.com/search?q=teatro+amazonas>.

and its culture, at the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, is the scenario in which the political backstage of the construction of the monumental theater is presented. In this environment, we seek to discover the assassin of Eduardo Ribeiro, former governor of the state, during the Belle époque of Manaus.

The Amazonian author still keeps on writing. He publishes poems, chronicles and novels on his blog. The stories of his descendants nourish the writer's imagination and can be seen in some of his memoirs.

References

CONDE-SILVA, Alessandra F. *Dois escritores descendentes de judeus sefarditas na Amazônia: Márcio Souza e Rogel Samuel*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 15, n. 28, maio de 2021. Disponível em:

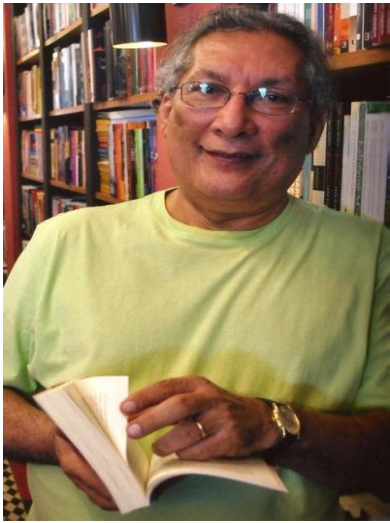
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/36533>. Acesso em: 02 de dez. 2022.

SAMUEL, Rogel. *Os judeus na Amazônia*. Disponível em:

<http://literaturarogelsamuel.blogspot.com/2012/01/os-judeus-na-amazonia.html>. Acesso em: 23 dez. 2022.

Biography

Rogel Samuel was born on January 2, 1943, in Manaus. He is the grandson of Maurice Samuel, a French Alsatian Jew who immigrated to the Amazon, owned the ship Adamastor and exported rubber. Rogel's grandfather married a Peruvian Indian whose last name had Spanish origin – Antonia Cellis. Rogel Samuel lived his childhood and adolescence in the Manauara capital – Manaus (AM) – and, from 1961 on, he settled in Rio de Janeiro (RJ). His literary vocation emerged in adolescence, when his verses were published in *O Jornal de Manaus*, in 1959. In Rio de Janeiro – the “wonderful city” - , he studied Literature at the Federal University of Rio de Janeiro. He enjoyed the teaching of professors Mattoso Câmara, Afrânio Coutinho and Anísio Teixeira. Later, he became an Adjunct Professor at the same institution. He is currently a retired professor. The poet, writer, web journalist and columnist is also a corresponding member of Academia Amazonense de Letras. Throughout his career as a writer, he published some works: *Crítica da Escrita* (1979); *Manual de Teoria Literária* (1985); *Literatura Básica* (1985); *O que é Teolít?* (1986); *120 Poemas* (1991); *Novo Manual da Teoria Literária* (2011); *Fios de luz, aromas vivos: leitura de “Retrato de Mão”, de Jorge Tufic* (2012); *Modernas Teorias Literárias: Breve introdução* (2014); the novels *O amante das amazonas* (2005) and *Teatro Amazonas* (2012), in addition to articles published in newspapers and magazines.



SALOMÃO LARÊDO⁴²

The man I am

Salomão Larêdo
Translated by Silvia Benchimol

I was born on April 23, at four o'clock in the morning, in Vila do Carmo, municipality of Cametá. In front of our house, the Tocantins River was at high tide at the time. I am the third child of Milton and Maria do Carmo Larêdo. My family background is poor.

My grandparents are the children of the Hebrew Jacob Bensabath Larêdo, a Moroccan Sephardic Jew who died early, at the age of 55, on February 21, 1893. Their mother, Tereza de Jesus da Costa, born in Vila do Carmo, lost all her properties, causing them to start life on the farm, working in the fields. My maternal grandmother is the daughter of black Africans whose family mixed with Tupinambá Indians. Vila do Carmo used to be a small, but united community – a fact that explained why our entire community, relatives and friends, gathered in our modest wooden house, built in front of the majestic and beautiful Tocantins River, to rejoice and celebrate the birth of the King Solomon.

My father registered me at the Vila's registry office. My mother wanted my name to be Jorge and my father, Salomão. Finally, in consensus, the name became: Jorge Salomão or Salomão Jorge Larêdo y Larêdo. My father, a port pilot, decided to register me only as Salomão Larêdo. My mother kept my navel and after her forty days postpartum seclusion (typical in our culture), she gave me a special bath with herbs, bushes and fragrant foliage from our place, the Amazon region.

Since I was in my mother's womb, I received the care and affection of my parents and listened from them – my sisters Adalcinda, Ocirema and Zuzu (José and Abrão, my youngest brothers, form, with me, the children of Milton and Lady Larêdo), my grandparents, uncles and aunts, relatives, relatives, friends – many popular stories and narratives. These stories are still present in my life, and I love to listen to them, especially about the boto that played lively in the river, in front of the house. That's why the typical way of speaking, the accent, the dialect, the everyday life, the common people, the excluded ones, the marginalized, the legendary and the imaginary of my region are permanent themes – fate and fortune – of my literary work.

⁴² Image and text sent to this catalog by the author Salomão Larêdo.

My formation – cultural root – is marked by *pajelanças*, popular beliefs, Catholic liturgy, religious imagery, water, smoke, baths, syncretism, mythology, visages, curses, our legends and myths – *matintaperera*, *cupelubo*, *lobisomem*, *curupira*, *boiuna*, *cobra grande* – Indians, prostitutes, black festivals. In other words, I've always experienced a mystical and magical daily life amidst pitinga gourds, river tides, prepared beverages [*preparados*], *banguês*, *samba de cacete*, litanies, plasters, *reimosos* – spells – *vindicás*, *tajás*, hauntings, superstitions, amulets. A Whole symbolic world experienced and used by the people of Amazonian society to explain their peculiar seduction, sensuality, dancing, warmth and mysterious character.

Biography

Salomão Larêdo was born in Vila do Carmo (Cametá), Pará, at 4 am on Friday, April 23, 1949, in a house facing the Tocantins River, at high tide. His parents are Milton Larêdo and Maria do Carmo Larêdo. Salomão married to Maria Lygia Nassar Larêdo, lawyer and designer. Their son: Filipe Nassar Larêdo, bachelor in law, editor and writer. Salomão studied Law at the Federal University of Pará and worked in Belém at the Municipal Administration [Prefeitura Municipal], where he held numerous management and senior advisory roles before retiring – personnel general director, legal consultant for the Municipal Health and Environment Secretariat [Secretaria Municipal de Saúde e Meio-Ambiente (Sesma)], director-general of the Municipal Administration Secretariat, [Secretaria Municipal de Administração]. Salomão Larêdo is a lawyer, writer and journalist. He is an editor and cultural producer. Brave and fearless defender of the Amazonian culture, he is the author of more than fifty books. Among the most recent ones, the following stand out: *Olho de Boto* (2015), *As Icamiabas – Lenda das Amazonas – País das Pedras Verdes – Romance de mulheres guerreiras sem marido e seus muiraquitãs* (2017), *Antônia Cudefacho* (2019), *Pedral Canal do Inferno* (2021), *Vila do Carmo - As vilas da Vila do Carmo Cametaense* (2022), *Putiri – mythopoética* (2022).

3. NON- JEWISH WRITERS



SANDRA GODINHO⁴³

Amazon, a crucible of diverse cultures in Terra da Promissão

Sandra Godinho

Writers seek, in their reality, the vital elements that will be resignified and fictionalized in a literary work. In *Terra da Promissão*, this process was not different. It is impossible to escape the fact that it is in the perception of oneself and of others that the search for human conflicts, portrayed in a great narrative, ends. And that narratives only become great to the extent that it makes the human essence reverberate.

My youngest daughter's friendship with a Jewish classmate, still in high school, brought our family closer to concepts and a different worldview. Before long, she (my daughter) attended synagogue, respected Shabbat and ate unleavened bread. The hamsa was tattooed on her back, Greek eyes adorned our living room for protection, and this was how the Jewish culture entered my life. I adopted Samantha as a daughter, such was our love for her, and her sisters, by extension. When her grandfather, an illustrious businessman from Manaus, died, I realized how much he was respected, not only by the authorities, but for the amount of benefit left, in terms of jobs and development.

Still during the funeral ceremony, I had the idea of rescuing, in fiction, the legacy left by the patriarch, just as Milton Hatoum did with the Lebanese. Rescuing this cultural heritage that goes back to his ancestors became my first concern and, addressing the issue of the identity of those living in diaspora was the other. I focused on the works of Samuel Benchimol, one of his cousins, keeping myself open to the influences of religion, cuisine, the quest for survival, the balance between 'being a Jew' and 'being a Jew in a foreign land'. I tried to create the character of Isaac Levy as a born entrepreneur, in order to rescue the figure of his dead grandfather and to honor how much he had done for the community, for his family, for the Jewish culture and for its preservation. It was an unspeakable honor to investigate the immigration of Sephardic Jews and save the formation of the Manauara society with this crucible of diverse cultures. I believe this exercise of Alterity is what fulfills

⁴³ Image retrieved from the website: <https://www.facebook.com/sandra.godinhogoncalves>.

our souls, fosters empathy in us, without prejudice or judgment. It is this throb of memories that legitimize our dignity and belonging to the human race as it should be.

Biography

Sandra Godinho was born on July 27, 1960, in São Paulo. She has bachelor degree and Masters degree in Literature. She has participated in several collections and anthologies of short stories, being awarded some prizes. She is member number 78 of the International Academy of Brazilian Literature (AILB). She published *O Poder da Fé* (2016); *Olho a Olho com a Medusa* (2017); *Orelha Lavada, Infância Roubada* (2018), work awarded with Honorable Mention at the 60th Casa de Las Américas Literary Prize (2019); *O Verso do Reverso* (2019), a work that won the Prêmio de Melhor livro de contos regional da Cidade de Manaus; *Terra da Promissão* (2019); *As Três Faces da Sombra* (2020); *Tocaia do Norte* (2020), novel awarded with the Prêmio Cidade de Manaus, finalist for the Prêmio São Paulo de Literatura, 2021; *Sonho Negro* (2021); *A Morte é a promessa de algum fim* (2020), romance agraciado com o Prêmio Cidade de Manaus (2021), also winner of the 2022 Focus Brasil NY/AILB Prize; *Estranha entre nós* (2022); *Memórias de uma mulher morta* (unpublished) was a finalist for the 2021 Prêmio Leya 2021; *A Secura dos Ossos* was a finalist for the Prêmio Leya 2022.

About the Authors

Translated by Silvia Benchimol

Alessandra Conde

PhD in Letters and Linguistics from the Federal University of Goiás. Postdoctoral internship (2021-2022) on Jewish writers in the Amazon, under the supervision of Prof. Dr. Lyslei Nascimento, from the Graduate Program in Letters: Literary Studies at the Federal University of Minas Gerais (UFMG). Adjunct Professor at the Federal University of Pará, linked to the Faculty of Letters (FALE), Campus of Bragança, PA. Coordinator of the research project Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia [Sephardic Echoes: Jews in the Amazon] and of Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia” (NESA). [Nucleus for Sephardic Studies in the Amazon]. Professor of the Postgraduate Programs PPGL and PPLSA.

Aldilene Lopes de Moraes

Undergraduate in Portuguese Language (UFPA) and in History (UFPA). Specialist in Languages and Cultures in the Amazon (UFPA). Master in Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA), in the research line “Reading and Cultural Translation”. Researcher member in the project Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia [Sephardic Echoes: Jews in the Amazon] and of Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia (NESA). [Nucleus for Sephardic Studies in the Amazon].

Angelica da Silva Pinheiro

Undergraduate in Portuguese Language (UFPA). Master's student at the Graduate Program in Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA). Member of the research project Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia [Sephardic Echoes: Jews in the Amazon] and of Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia (NESA). [Nucleus for Sephardic Studies in the Amazon].

Elias Salgado

Undergraduate in History from the Melton Center - Hebrew University of Jerusalem. He is a researcher, specialist in Jews in the Amazon. Member of the NIEJ – Núcleo de Estudos Judaicos - (UFRJ) [Nucleus of Jewish Studies at the Federal University of Rio de Janeiro] and Executive Director of the Amazonia Judaica Historical Archive and Portal.

Libna Keite da Silva Gama

Undergraduate in Portuguese Language (UFPA). Master student at the Graduate Program in Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA). Member of the research project Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia [Sephardic Echoes: Jews in the Amazon] and of Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia (NESA). [Nucleus for Sephardic Studies in the Amazon].

Myriam Scotti

Graduated in Law from the Federal University of Amazonas (UFAM). She is the author of more than 12 books, including the novel *Terra Úmida* (2021). Master's student at the Literature and Literary Criticism Program at the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP).

Salomão Laredo

Salomão Larêdo is a lawyer, writer and journalist. He is an editor and cultural producer. Brave and fearless defender of the regional culture and a man of the Amazon. He is the author of more than fifty books, including *As Icamiabas – Lenda das Amazonas - Paiz das Pedras Verdes – romance de mulheres guerreiras sem marido e seus muiiraquitãs* (2017).

Sandra Godinho

Graduated in Letters – English Language and Literature from the Federal University of Amazonas (UFAM). Master in Sociolinguistics and Dialectology by the Graduate Program in Letters (PPGL) at the Federal University of Amazonas (UFAM). She is the author, among other works, of the novel *Terra da Promissão* (2019).

Thiago Machado

Undergraduate student from the Portuguese Language course (UFPA). Participates in the research projects “Indigenous Languages and Portuguese in the Eastern Amazon: Linguistic Contact, Education and Translation”, coordinated by Professor Dr. Tabita Fernandes da Silva, and the project Ecos Sefarditas: judeus na Amazônia [Sephardic Echoes: Jews in the Amazon] and of Núcleo de Estudos Sefarditas da Amazônia (NESA). [Nucleus for Sephardic Studies in the Amazon].



CONHEÇA O NOSSO TRABALHO:

SITE: nesa.ufpa.br

INSTAGRAM: [@nesa_ecos_sefarditas.ufpa](https://www.instagram.com/nesa_ecos_sefarditas.ufpa)